

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia

Perspectivas de profissionalização de alunos do 3º ano do Ensino Médio em colégios públicos e particulares na região metropolitana da cidade de São Paulo

Disciplina: Métodos e Técnicas de Pesquisa II

Professores: Bianca Freire Medeiros e Murillo Marschner Alves de Brito

Alunas: Camila Pivante (NUSP 10702714)

Carolina Bueno (NUSP 10763081)

Clécio de Oliveira Camargo (NUSP 7997861)

Izabella Lopes (NUSP 10763525)

Juliana Mucinic (NUSP 10763014)

Tereza Filizola (NUSP 10325807)

São Paulo - 2019

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	02
2. PROBLEMA DE PESQUISA	03
3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	06
3.1. Acesso ao objeto de pesquisa	06
3.2. Conjugação de métodos de investigação: quanti e quali	07
3.2.1. Método quantitativo - Aplicação do questionário	09
3.2.2. Método qualitativo - Realização de entrevistas semi-estruturadas	08
3.3. Fidedignidade dos dados	09
4. ANÁLISE	11
5. CONCLUSÃO	20
6. APÊNDICE:	
6.1. Apêndice I - Modelo de Questionário	
6.1. Apêndice II - Roteiro de entrevistas	
6.3. Apêndice III - Transcrição das entrevistas:	
i. Escola Estadual Côrtes Luz;	
ii. Escola Estadual Fernando Souto;	
iii. Colégio Estrela da Manhã;	
iv. Colégio do Carmo.	
6.4. Apêndice IV - <i>Default</i> dos testes de Qui-quadrado	

1. Introdução

Nos últimos anos, a sociedade brasileira tem acompanhado transformações em toda a sua estrutura educacional. Desde a Reforma do Ensino Médio, proposta pelo ex-presidente Michel Temer, em 2017, ao corte de verbas nas universidades federais, realizado pelo Ministério da Educação em 2019, o sistema de ensino foi alvo de diversas especulações acerca de sua qualidade e organização.

Tendo em vista as discussões sobre educação e juventude, escolhemos trabalhar com projeções imediatas e de longo prazo dos alunos prestes a deixar a educação de base. Por isso o tema: “Perspectivas de profissionalização de alunos do 3º ano do Ensino Médio em escolas públicas e particulares na região metropolitana da cidade de São Paulo” – entendendo-se por profissionalização a opção por um curso de ensino superior, ensino técnico ou inserção direta no mercado de trabalho.

A partir deste estudo, acreditamos ser possível alcançar significativos resultados no campo dos marcadores sociais da diferença. Estamos seguras de que o olhar atento para uma megalópole como São Paulo será capaz de nos informar, ao menos no que tange à educação, o quão sujeitos estão os jovens às questões de classe em seu processo de construção de perspectivas de vida. Além disso, a escolha do nosso espaço amostral demonstra uma preocupação adicional: a territorialidade. Gostaríamos de investigar até que ponto a segregação espacial nos meios urbanos influi no cultivo de diferentes aspirações de profissionalização ou formação acadêmica.

Em suma, o interesse deste trabalho é analisar o impacto produzido pelo ambiente no qual se constituem escolas públicas e privadas em diferentes regiões de São Paulo. Caso existam, quais seriam as diferenças entre as perspectivas de profissionalização dos alunos do 3º ano do Ensino Médio nesses regimes e/ou localidades¹?

Partimos do pressuposto que tanto planos a longo prazo quanto escolhas imediatas oscilam em conteúdo a depender do colégio e do bairro. As páginas que seguem são inteiramente dedicadas ao teste dessa hipótese, sempre em busca de indícios que atestem ou rejeitem a tese.

¹ Em “regimes”, fazemos referência aos colégios públicos ou particulares e, em “localidades”, ao centro e à periferia.

2. Problema de pesquisa

Propomos um olhar investigativo sobre os jovens. No artigo 1º da Lei 12.852/2013, o Estatuto da Juventude, são eles definidos por um critério etário objetivo - determinação que nos pareceu insuficiente na medida em que desconsidera a subjetividade que atravessa toda e qualquer camada social.

Assim sendo, é no trabalho de Juarez Dayrell que encontramos os argumentos que alicerçam o desenvolvimento da nossa pesquisa. Segundo o autor, ambições individuais apenas ganham sentido quando compreendemos a juventude como parte do processo de formação dos sujeitos. Essa fase da vida precisa ser vista como um tempo determinado e não mera passagem; os desejos que ali surgem precisam ser tidos como fruto de uma interpretação consciente e responsável acerca do mundo. Apenas com isso em mente a construção de expectativas pode ser apreendida.

De fato, a juventude a qual tivemos acesso mostrou-se, sobretudo, engajada quanto a sua condição de sujeito social - seja no que concerne à produção de um plano de carreira, seja no que tange à sua atuação enquanto membros ativos de determinada instituição escolar. Por conta disso, pensar essa juventude não foi somente avaliar o meio que a constitui, mas também evidenciar sua subjetividade e personalidades individuais. Consequentemente, a mescla entre metodologias quali e quanti manifestou-se como a mais adequada para salientar a diversidade do “ser jovem”.

A pesquisa tentou dar conta de uma ordenação diáde do processo de construção de expectativas. Por um lado, as exigências da vida adulta pressupõem a satisfação dos anseios do jovem enquanto indivíduo; em contrapartida, as demandas da família, enquanto primeira instituição social, exercem sua influência e precisam ser investigadas. Logo, o exame de qualidades como gênero, raça, escolaridade dos pais, ordem do nascimento na família, quantidade de irmãos, perfil socioeconômico e região de moradia não poderia ser postergado. Porém, não excluimos da análise a relação aluno e ambiente escolar. Naturalmente, a realidade social ainda pode ser determinante no processo de amadurecimento, por isso também foi preciso investigar o modo como instituições de ensino contribuem para a formação de perspectivas.

Enquanto Dayrell nos falou sobre a necessidade de pensar o jovem a partir de uma multiplicidade de perspectivas, a análise crítica do abismo entre os sistemas educacionais público

e privado, realizada por João Jardim no documentário “Pro Dia Nascer Feliz” (2005), firmou nossos eixos de comparação. Nesse longa, vemos o retrato da relação de alunos de diferentes realidades sociais, em diferentes estados brasileiros, com a escola em que estudam e onde passam parte considerável de seu tempo. A partir do depoimento de estudantes e educadores, alocados tanto na rede pública quanto na rede privada, a produção nos forneceu um protótipo de metodologia guia para a investigação e contribuiu para a formulação de nossa hipótese.

Por conta de todas essas interpretações, a análise das assimétricas escolhas profissionais esteve, no presente trabalho, sujeita a duas variáveis: região (periférica e central) e regime escolar (público e privado). Essa discriminação soou apropriada para testarmos nossa hipótese inicial: caso existam, quais seriam as diferenças no processo de construção de expectativas dos alunos enquanto membros de determinada escola, em determinada região.

No que se refere à metodologia, a Pesquisa Transição Escola para o Trabalho², organizada pela rede “Work4Youth”, nos ajudou a tornar a pesquisa possível. Realizada em 28 países, a STWS foi fruto de um programa internacional de pesquisas sobre a transição da escola para o mercado, planejado pela Organização Internacional do Trabalho. Tal empreendimento disponibiliza uma extensa gama de informações que apresentam tanto análises estatísticas, quanto informações detalhadas sobre expectativas dessa juventude frente uma nova etapa da vida.

A fim de produzir análises adequadas à realidade local, capazes de assimilar a heterogeneidade da nossa juventude, o questionário aplicado no Brasil foi revisto por um Comitê Consultivo. Finalmente, as questões que tiveram como objetivo levantar informações sobre os caminhos para o mercado laboral nos serviram de base para a construção do nosso próprio questionário.

Os indicadores para o Brasil foram resultado de uma coletânea de mais de 3.000 entrevistas, distribuídas em 160 municípios de 25 Unidades de Federação. Uma vez que dispunhamos de pouco tempo para produzir e analisar os dados por nós coletados, o exame detalhado do survey em questão seria inviável - ainda que valoroso. O estudo promovido por

² *School-to-Work Transition Survey*

Marcos de Oliveira Garcias, Doutor em ciências na área de Economia Aplicada, sobre os dados fornecidos pela STWS foi, então, a via de acesso mais rápida aos resultados de nosso interesse.

Em sua produção, Garcias nos convidou a reconhecer a relevância da família de cada um dos alunos em sua produção de projetos de vida - especialmente do pai e da mãe. Fica assim justificado o nosso interesse também em comparar o status ocupacional e nível de escolaridade dos pais às expectativas de seus descendentes, prestes a deixar a educação de base.

3. Desenvolvimento da pesquisa

3.1. Acesso ao objeto de estudo

A primeira dificuldade prática com a qual nos deparamos foi o acesso ao objeto de estudo escolhido: alunos do 3º ano do Ensino Médio de quatro escolas, todas localizadas na região metropolitana de São Paulo. A princípio, acreditávamos que o contato inicial e a aplicação do questionário ocorreriam sem maiores contratemplos, em especial nos colégios particulares. Isso porque estávamos certas de que, na rede pública, a burocracia estatal complicaria consideravelmente nossa aproximação.

Oficialmente, o acesso para fins de pesquisa depende de um processo administrativo a ser protocolado na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo - ou, mais especificamente, na sede da Diretoria de Ensino na qual a escola está localizada. Porém, ao conversarmos diretamente com os coordenadores responsáveis pelas turmas de ensino médio, descobrimos que a via formal poderia ser dispensável. Tendo em vista que o trâmite administrativo pode durar semanas ou meses, a possibilidade de tratar diretamente com a gestão das unidades de ensino foi uma surpresa agradável.

Tanto a Escola Estadual Côrtes Luz³ (localizada no bairro Itaim Bibi, na região central) quanto a Escola Estadual Fernando Souto⁴ (localizada no bairro Jardim Ângela, na região periférica) mostraram-se solícitas e dispostas a nos conceder uma reunião inicial a fim de organizar a dinâmica da aplicação dos questionários - tendo sido o contato com esta última intermediado por uma colega e conhecida de longa data da coordenadora.

Os respectivos coordenadores se interessaram pelo projeto e fizeram questão de incorporar a atividade à grade horária dos alunos. Mais do que isso, nos foi requisitado que, ao final da aplicação, estimulássemos os alunos a prestarem vestibulares como a FUVEST e o ENEM, fornecendo informações práticas acerca das datas de realização dos exames e cursinhos populares dos quais tivéssemos conhecimento.

³ Nome fictício

⁴ Nome fictício.

O empenho manifestado pelos dirigentes de ambas as escolas estaduais com as quais entramos em contato não se repetiu com as instituições de ensino particulares. Mesmo após sucessivas tentativas de contato telefônico e via *e-mail* com inúmeras escolas privadas no centro e na periferia da cidade de São Paulo, não obtivemos sucesso. As razões pelas quais não seríamos autorizados a realizar nossa investigação eram diversas: a privacidade dos alunos; a falta de tempo, considerando a proximidade dos vestibulares; e a possibilidade de, caso nos fosse permitida a aplicação do questionário, outros pesquisadores serem estimulados a fazer o mesmo - o que sobrecarregaria a escola. Em outros casos, simplesmente não houve resposta.

Decidimos, portanto, contatar o colégio no qual duas integrantes do grupo haviam estudado - supondo que a aproximação seria menos problemática. Apesar de alguns ruídos na comunicação, nossa solicitação junto ao colégio Estrela da Manhã⁵ (localizado no bairro Itaim Bibi, na região central) foi aceita. Eventualmente, nos arredores da Escola Estadual Fernando Souto - que já nos havia confirmado a possibilidade de aplicação - encontramos também o Colégio do Carmo⁶ (localizado no bairro Vila Remo, na região periférica), igualmente receptivo e interessado. Finalizamos assim a composição da nossa amostra.

Em cada um dos colégios agendamos uma reunião para apresentar o grupo de pesquisadores e o projeto de pesquisa, contato que se mostrou fundamental para o estabelecimento de uma relação de confiança e familiaridade com os funcionários envolvidos no acesso aos alunos. Cabe ressaltar a solicitação, por parte de todas as instituições participantes, de uma espécie de carta de apresentação, assinada pelo nosso professor orientador, que explicasse o projeto de pesquisa e certificasse-as de nossas intenções meramente acadêmicas. Ademais, nesses encontros foram estipuladas as datas de aplicação do questionário e definidas questões práticas específicas.

3.2. Conjugação de métodos de investigação: quantitativo e qualitativo

A presente pesquisa foi pensada com o objetivo de compreender as perspectivas de profissionalização de alunos do 3º ano, matéria extremamente subjetiva e de difícil mensuração.

⁵ Nome fictício.

⁶ Nome fictício.

Por esse motivo, optamos pelo uso de métodos conjugados de investigação. Assim, os questionários foram elaborados de modo a levantar informações sobre o perfil pessoal dos estudantes, características socioeconômicas de suas famílias e ambições particulares; já as entrevistas semi-estruturadas, realizadas em um momento posterior, apresentaram essa realidade agora verbalizada por seus agentes.

O método quantitativo, portanto, seria responsável por diagnosticar disparidades em um nível mais superficial e direto. As informações obtidas nos permitiram identificar os contornos das diferentes perspectivas ali presentes, bem como traçar o perfil de cada uma das quatro escolas. As análises qualitativas, por outro lado, foram significativas na medida em que possibilitaram a apreensão de reflexões e interpretações do objeto sobre si mesmo, algo que a parte quantitativa não poderia revelar de forma aprofundada.

3.2.1. Método quantitativo - Aplicação de questionário

Elaboramos e aplicamos questionários em turmas de 3º ano do Ensino Médio para que, posteriormente, pudéssemos analisá-los de maneira minuciosa e mediante a utilização de técnicas estatísticas. Uma vez que a aplicação do questionário coleta uma enorme quantidade de informações, a elaboração das perguntas é fundamental: elas precisam ser coerentes e garantir respostas úteis à análise.

A formulação do nosso questionário foi baseada na consulta de trabalhos publicados que versassem sobre o tema proposto. Essa etapa da investigação foi essencial para que pudéssemos compreender qual seria a melhor estrutura para o questionário. Em especial, a pesquisa *School-to-Work Transition Survey* contribuiu categoricamente para a produção das nossas questões, haja vista que o site do projeto expõe também uma discussão quanto a seleção da metodologia. Dessa forma, selecionamos questões e indicadores que mais se ajustassem ao nosso tema e objetivos, os reformulamos para que fizessem sentido no presente trabalho e estruturamos o questionário de forma que as perguntas fossem compreensíveis para nossos interlocutores.

A aplicação dos questionários foi feita nas escolas, durante a manhã de aula dos alunos. Vale ressaltar que, em todas as visitas, pelo menos dois integrantes do grupo participaram da

aplicação. Em duas das escolas, essa foi feita nas salas de informática, por meio de questionários eletrônicos; nas demais, os levamos impressos. Foram 235 respondentes - o que gerou uma grande quantidade de dados a serem organizados em uma matriz. Assim, uma boa codificação foi essencial para que pudéssemos analisar de forma completa as informações que obtivemos.

3.2.2. Método qualitativo - Realização de entrevistas semi-estruturadas

A opção por entrevistas semi-estruturadas foi feita após avaliarmos a melhor forma de questionar os alunos sobre os dados coletados. Essa técnica permite a realização de perguntas previamente determinadas ao mesmo tempo em que dá margem para novos questionamentos. Existe aí um duplo ganho: aos entrevistadores, é facultada a possibilidade de aprofundar a discussão em assuntos que interessem; aos entrevistados, dá-se a liberdade de formularem as respostas como desejarem, sem o controle do roteiro.

O plano inicial era realizar oito entrevistas - um par para cada uma das escolas nas quais foram aplicados os questionários. Em tese, a escolha de dois alunos, ao invés de um, possibilitaria uma análise mais abrangente e faria jus à pluralidade dos estudantes. No entanto, isso não foi possível. Houve baixa adesão aos convites para a conversa, a ser realizada fora do ambiente e horário escolares, tivemos dificuldades em entrar em contato com os alunos que deixaram seu telefone e sofremos com a desistência dos que haviam aceitado participar. De qualquer modo, realizamos sorteios com os voluntários de cada escola e, caso o escolhido desistisse, contatávamos o próximo da fila.

Via de regra, as entrevistas seriam feitas pessoalmente e onde quer que o entrevistado desejasse - o que, no geral, ocorreu nos arredores de sua escola. À despeito de uma única entrevista, que em razão da indisponibilidade do entrevistado, considerando a proximidade de suas provas de vestibular, foi realizada via contato telefônico, todas as outras se deram presencialmente.

3.3. Fidedignidade dos dados

O maior obstáculo que poderíamos encontrar quanto à fidedignidade dos dados coletados era a questão da compreensão, por parte de nossos interlocutores, das perguntas a eles direcionadas. Percebemos a importância da realização de testes anteriores à aplicação efetiva do

questionário e execução das entrevistas, mas não tivemos condições de incluir essa etapa neste trabalho.

Assim sendo, só foi possível notar falhas no questionário e roteiro de entrevistas após sua ocorrência, a partir da observação das respostas coletadas. Para que isso não prejudicasse a fidedignidade dos dados, descartamos da análise questões que consideramos mal formuladas ou que não foram plenamente compreendidas pelos nossos interlocutores. Tentamos, assim, garantir a verdadeira comparabilidade de informações, proporcionando uma análise representativa do nosso referencial empírico.

4. Análise

Cada questionário aplicado dispunha de oito páginas; o conjunto de 36 perguntas gerou um banco de dados com 235 linhas, 49 colunas e um sem-número de possibilidades de análise. Naturalmente, uma vez que não há tempo ou espaço para digressões, foram eleitas para esta exposição apenas as variáveis *diretamente* relacionadas às nossas hipóteses. De qualquer modo, começaremos pela caracterização de cada um dos quatro colégios visitados.

	Renda				
	n	Média	Moda	Mediana	Desvio padrão
Côrtes Luz (pública, Centro)	102	R\$ 3.088,57	R\$ 1.996,00	R\$ 1.996,00	R\$ 2.821,86
Estrela da Manhã (particular, Centro)	64	R\$ 10.019,53	R\$ 14.970,00	R\$ 14.970,00	R\$ 6.260,79
Fernando Souto (pública, periferia)	52	R\$ 2.506,23	R\$ 1.996,00	R\$ 1.996,00	R\$ 2.152,32
Colégio do Carmo (particular, periferia)	17	R\$ 5.491,65	R\$ 7.490,00	R\$ 4.496,00	R\$ 4.303,86

	Sexo			Etnia					
	n	Fem	Masc	Branco	Pardo	Negro	Indígena	Amarelo	NR
Côrtes Luz (pública, Centro)	102	59,8%	40,2%	43,1%	37,3%	13,7%	2,0%	2,9%	1,0%
Estrela da Manhã (particular, Centro)	64	54,7%	45,3%	95,3%	3,1%	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%
Fernando Souto (pública, periferia)	52	55,8%	44,2%	19,2%	48,1%	21,1%	3,8%	1,9%	5,8%
Colégio do Carmo (particular, periferia)	17	58,8%	41,2%	41,2%	52,9%	5,9%	0,0%	0,0%	0,0%

Nem todas essas informações foram utilizadas nos testes estatísticos expostos mais adiante, mas são um excelente ponto de partida para as assimetrias encontradas. Além da desarmônica distribuição étnico-racial entre colégios, é importante observar o quão distantes estão as médias de renda nestas instituições de ensino: cerca de R\$7.500,00 se interpõem entre o topo e a base da pirâmide de receitas. O peso desse desequilíbrio pode ser melhor avaliado quando levamos em conta as rendas *per capita* por núcleo familiar: o aluno do Fernando Souto com o maior espólio por pessoa possui renda *per capita* de R\$ 1.872,50; no colégio Estrela da Manhã, esse valor sobe para R\$ 7.485,00.

A Escola Estadual Fernando Souto e o colégio Estrela da Manhã estão localizados a aproximadamente 20 (vinte) quilômetros de distância um do outro. Esse distanciamento, contudo, não é apenas geográfico ou financeiro, como supracitado. Conforme dados do Ministério da Educação, divulgados pelo INEP em relação aos resultados do ENEM 2018, a

Escola Estadual Fernando Souto ocupa a posição nº 14.499 no ranking nacional. O Colégio Estrela da Manhã, por outro lado, está entre as 1.000 escolas com melhores rendimentos, sendo o 786º na classificação geral.

Ademais, durante a visita às escolas, foi possível perceber, no ambiente, nuances do estilo de funcionamento de ambas as escolas. A título de exemplo, enquanto nas paredes do pátio comum do Colégio Estrela da Manhã havia grafites realizados pelos próprios alunos, livres para ir e vir dentro e fora da instituição como bem entendessem, os espaços na Escola Estadual Fernando Souto eram divididos por grades de ferro e os estudantes não poderiam ausentar-se do espaço escolar durante o período das aulas.

A diferença de faturamento entre os alunos e suas famílias, constatada pelos dados obtidos nas respostas aos questionários, evidentemente permeou também as declarações observadas nas entrevistas. O rendimento familiar é claramente manifestado nas narrativas sobre diversos aspectos da vida dos entrevistados, tais como suas preocupações cotidianas, a presença ou ausência de trabalho adolescente, formal ou informal, e prioridades básicas.

Segundo Ana Clara e João Lucas, alunos de colégios particulares do centro e da periferia de São Paulo, respectivamente, sua rotina é assim descrita:

Ah, sei lá. Não sei. Não é muito lotada a minha rotina. Eu costumava treinar futebol mas eu parei, por causa de uns problemas, mas acho que... eu costumo ir no grêmio de sexta, eu treino vôlei, mas é mais por diversão, não é treinar. Não tem muita pressão sabe, é mais por diversão. Deixa eu ver, que mais que eu faço? Eu cuido muito do meu cachorro, tipo tem banho, tem médico, eu tento correr atrás disso, mas de resto eu acho que é meio livre - Ana Clara.

Eu faço terça e quinta inglês, e quarta e sexta futebol, aí no final de semana sempre tem jogo sábado e domingo - João Lucas.

E Ana Clara define o perfil do aluno do Colégio Estrela da Manhã:

O perfil do aluno do [Estrela da Manhã]⁷ é aquelas calças super caras, tipo... Farm, umas lojas que eu não sei qual o nome... tipo 500 reais uma calça, 400 reais uma blusa, tipo lançou uma coisa nova a galera já compra.

⁷ Nome fictício

Essa disparidade também é expressa no relato dos alunos de escola pública, tanto central como periférica, quando perguntamos se trabalhavam:

Eu tenho um negócio paralelo com a minha mãe, porque... minha mãe, ela achava uniforme muito caro, então na primeira série lá do meu fundamental, ela falou assim “eu não vou pagar esse uniforme caro”, aí ela foi atrás lá no Brás, comprar tecido, e foi procurar um costureiro e vai fazer seu uniforme - *Isabella*.

É, a maioria sim. Na minha sala tem gente que faz... tipo, é, trabalho empacotando coisas, outros faz uns bico.., outros é da administração de uma empresa. Tem bastante gente que trabalha na minha sala. Tipo... pelo menos metade - *José Pedro*.

Pensemos agora nas hipóteses e no problema de pesquisa. Para tratar as perspectivas de profissionalização como uma variável, repartimos a análise em dois momentos: expectativas a longo prazo e expectativas imediatas. Utilizamos como indicadores duas questões do survey (C12 e D1, respectivamente) e discriminamos os resultados segundo bairro e regime escolar.

C12. Na sua opinião, uma pessoa precisa ao menos de qual nível de escolaridade para obter o emprego ideal?

	Centro		Periferia	
	Colégio particular	Colégio público	Colégio particular	Colégio público
Ensino médio	23,4%	40,2%	17,6%	55,7%
Curso profissionalizante	17,2%	13,7%	29,4%	15,4%
Ensino tecnológico	3,1%	8,8%	11,8%	1,9%
Ensino Superior	17,2%	18,6%	35,3%	15,4%
Pós	11%	14,8%	5,9%	5,8%
NS	28,1%	3,9%	0%	5,8%

D1. Quais são os seus planos após completar os estudos atuais?

	Centro		Periferia	
	Colégio particular	Colégio público	Colégio particular	Colégio público
Conseguir um emprego	4,7%	24,5%	17,6%	21,2%
Empreender	1,6%	0%	5,9%	1,9%
Ficar em casa	0%	0%	0%	1,9%
Ingressar no ES	37,5%	13,7%	0%	5,8%
Ingressar no ES e trabalhar	43,7%	56,9%	76,5%	61,5%
Intercâmbio	9,4%	2,9%	0%	1,9%
Outros	3,1%	2%	0%	0%
Permanecer no emprego	0%	0%	0%	3,8%
NS	0%	0%	0%	2%

Uma vez que as frequências relativas em ambas as tabelas não foram o suficiente para traduzir por si mesmas o quão sujeitas essas escolhas estão à localidade e ao tipo de colégio, mobilizamos a análise estatística para testar nossas hipóteses. Os resultados como apresentados pelo programa⁸ estarão expostos na seção de anexos, mas seu exame pode ser reconstruído sem maiores delongas.

Ancoramos nossa análise no valor- p para cada um dos cruzamentos realizados⁹. Quanto às expectativas imediatas, chegamos a conclusão que tanto o bairro quanto o regime exercem significativa influência, pois seus p -valores são muito baixos, mas não em mesma medida. A probabilidade de não encontrarmos no mundo real a relação de dependência observada entre localidade e perspectivas de profissionalização é de 0,0012; ao trocarmos a variável independente para ‘tipo de colégio’, esse valor caiu para 3,819e-05.

Algo parecido ocorreu quando nos voltamos para as expectativas a longo prazo. A despeito do crivo público/privado ter conservado seu protagonismo, a distinção centro/periferia perdeu ainda mais espaço. O valor- p no primeiro caso foi de 0,0001; no segundo, 0,1191. Dado que a literatura sugere a adoção de uma significância mínima de 0,05¹⁰, é seguro dizer que as variáveis bairro e expectativas a longo prazo não estão associadas.

Importante ressaltar que o teste de Qui-quadrado ao qual estamos fazendo referência não estabelece uma relação causal. Isto é, ainda que as perspectivas de profissionalização dos alunos estejam distribuídas de forma assimétrica entre os colégios públicos e os colégios particulares, uma coisa não *necessariamente* gera a outra. Alguma outra variável pode estar em ação.

A bibliografia que orientou esta pesquisa com frequência deu ênfase ao papel dos pais no processo de construção dos projetos de vida e carreira de seus filhos. Assim sendo, em busca de outras associações, decidimos realizar um último cruzamento estatístico, relacionando agora expectativas a longo ou curto prazo com o nível de escolaridade do pai e da mãe.

⁸ Neste caso, trata-se do RStudio.

⁹ No Qui-quadrado, “O valor- p nos diz a probabilidade de encontrarmos a relação observada entre duas variáveis em nossa amostra se não existisse relação entre elas na população não observada” (PAUL & GUY, 2013, p. 170).

¹⁰ Isso equivale a dizer que a relação somente será aceita se encontrada em pelo menos 95% dos casos.

	Valor- <i>p</i>	
	Escolaridade do pai	Escolaridade da mãe
Expectativas a longo prazo	0,0740	0,0175
Expectativas a curto prazo	0,0035	0,0031

Em resumo, ainda utilizando a significância de 0,05 para o valor-*p*, a tabela nos informa que a escolaridade dos pais também está associada às expectativas dos filhos em quase todos os momentos. Imediatamente após a saída do ensino médio, essa associação é mais aparente - ainda que a relação escolaridade da mãe/expectativa do(a) filho(a) seja verificada com um pouco mais de facilidade do que com relação ao pai. Em contrapartida, a longo prazo, a associação é menos ostensiva; o peso da escolaridade do pai sequer permanece dentro do nosso limite de significância.

A análise das entrevistas contribuiu também para a captação do sentido dessa associação. Um exemplo ingerência exercida pelos desejos de seu pai, com pouca formação escolar/acadêmica, foi narrada pela estudante Isabela¹¹, da Escola Estadual Côrtes Luz:

Meu pai não tem que decidir nada. Meu pai... eu nem comento muito dessas coisas com ele, porque por ele eu faria qualquer faculdade, faria Estácio, faria... a faculdade mais barata que tem, mas como isso não é uma coisa que eu quero pra mim eu nem comento muito com ele.

Resta a clara desconsideração às expectativas do progenitor masculino em relação ao futuro da aluna. Em contrapartida, o relato proferido por João Lucas¹², aluno do Colégio do Carmo, demonstrou o contrário; isto é, trata-se da alta influência representada pelas experiências e capital cultural dos pais na formação de seu próprio futuro:

Ah... (...) Então, minha mãe, ela não fez Ensino Médio, porque ela morava na Bahia, e ela morava tipo na roça mesmo e tal, ela fez até o nono ano. E meu pai fez pós-graduação né. Então, tipo, tudo o que minha mãe não teve chance de fazer na infância dela, que é estudar, terminar a escola, completa né, ela me incentiva né, tipo, ela me incentiva bastante na escola e sempre procurando me incentivar fora da escola; pelo menos, tipo, meu pai ele fala que não abre mão de eu aprender outra língua, eu faço curso de inglês.

Além disso, através da análise do material coletado nas entrevistas, foi possível observar relações não evidenciadas pelo exame dos dados quantitativos. Desse modo, os resultados

¹¹ Nome fictício

¹² Nome fictício

auferidos exclusivamente através do método qualitativo foram organizados em categorias de acordo com afinidades temáticas, conforme o método elaborado por Berger (1998, pp. 152-156), orientando-se pelo problema e hipóteses de pesquisa. Foram agrupadas em respeito aos seguintes indicadores de análise - tendo em mente as expectativas de profissionalização do entrevistado: perspectivas após o Ensino Médio; histórico de empenho do aluno; e justificativas para os planos de carreira ou de vida.

A. Perspectivas após o Ensino Médio

Quanto às expectativas após o Ensino Médio e, mais especificamente, às escolhas profissionais dos entrevistados, encontramos algo muito diverso. O aluno da escola pública da periferia disse ter a esperança de se tornar um Policial Militar, tendo como meta fazer parte da ROTA. Para isso, está cursando, no momento, um curso de Administração Pública. Percebemos a ausência do Ensino Superior como perspectiva, diferentemente dos demais entrevistados.

Já a entrevistada da escola pública no centro verbalizou o desejo de cursar Ciências Contábeis na Universidade Anhembí Morumbi. Pensa em obter pós-graduação completa em uma faculdade “melhor” que a Anhembí e estabilizar-se em um emprego no qual seja efetivada e bem remunerada.

A entrevistada da escola particular do centro disse ter como único objetivo, no momento, cursar Relações Públicas na Faculdade Cásper Líbero e ter um trabalho como o da amiga de sua mãe: CEO em uma empresa, na área de comunicação; uma área que envolva matemática e relações sociais, que seja rentável, mas que tenha alguma causa social e “ajude as pessoas”.

Finalmente, o entrevistado da escola particular na periferia afirmou ter como escolha profissional o curso de Administração na Universidade Presbiteriana Mackenzie. E tem como emprego ideal um trabalho relacionado à bolsa de valores e/ou mercado imobiliário no qual a figura de um “chefe” seja ausente: quer um trabalho que seja “para si”.

A partir das respostas, percebe-se que em todos, com exceção do entrevistado da escola pública da periferia, está presente a perspectiva de Ensino Superior em uma Universidade

particular. Não se fala sobre ir para Universidade pública, algo interessante principalmente no que diz respeito às escolas públicas; considerando o perfil socioeconômico de seus alunos, espera-se uma preferência pelo Ensino Superior gratuito. É de se supor que essa escolha esteja em relação com as dificuldades de acesso às Universidades Públicas - principalmente levando-se em conta a qualidade da Educação Básica pública quando comparada à particular. Segundo Trevisol (2016), os estudantes de escolas públicas têm ocupado as vagas em Instituições de Ensino Superior privadas devido à dificuldade de ingresso no sistema público - que acaba sendo ocupadas por estudantes da elite. Como narra uma das entrevistadas:

Então, eu fiz o ENEM, mas estudando só em escola pública, sem fazer cursinho, essas coisas, não tem como ir bem. (...) E então eu falei 'ah, a Anhembí não é uma das piores opções, não é a melhor, mas também não é... a pior, tá dentro do meu orçamento que eu posso pagar.

A descrição do emprego ideal de cada entrevistado é outro fator a ser pontuado. Apenas em um dos casos - Ana Clara, escola particular do centro - foi citado o caráter social:

(...) eu não quero ser uma dessas pessoas que trabalham, mas pra nada sabe, eu quero trabalhar pra alguma causa. Eu sei que o trabalho que eu tô escolhendo é um negócio que vai me dar renda, se eu fizer certo, mas aí eu quero ajudar quem não tem essa segurança.

Nos demais, não observamos a espera por um emprego ideal que envolvesse causas sociais. Apenas em relação ao aluno da escola pública na periferia não é possível realizar uma inferência dessa natureza, considerando a falta de aprofundamento, durante a entrevista, em relação à sua escolha de tornar-se um Policial Militar. Para os alunos de ambas as instituições públicas de ensino, a realização pessoal e a rentabilidade foram os fatores mais relevantes:

Ah, que me efetivem e que eu ganhe muito bem! - *Isabella*.

Eu tenho sonho de trabalhar pra mim, né. Não ter nenhum chefe. E eu gostaria de trabalhar com ações, e também com mercado imobiliário, mas tipo, mais pra mim, sabe, uma imobiliária e tals - *João Lucas*.

B. Histórico de empenho do aluno

Os alunos de escolas públicas, tanto do centro como da periferia, pareceram mais engajados nos próprios projetos, assumindo responsabilidades condizentes com suas perspectivas de profissionalização desde antes do término do Ensino Médio. José Pedro, estudante da Escola

Estadual Fernando Souto, iniciou um curso de Administração Pública na faculdade FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas) durante o colegial, como primeiro passo para conquistar o posto de policial militar da ROTA (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar) - uma tropa do Comando Geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Conforme relatado,

Não, eu, por exemplo, só quero fazer um curso de Administração Pública, que eu quero ir pra PM. Aí eu faço um curso na FMU, lá em Santo Amaro. Aí depois disso eu quero fazer... eu só tô estudando mesmo, pra Administração Pública, e depois tentar o concurso ano que vem.

Isabella, aluna da Escola Estadual Côrtes Luz, havia, igualmente, iniciado o processo de escolha de sua profissão com antecedência, verificando grades curriculares de diferentes cursos e participando de visitas guiadas a grandes empresas. Além disso, ela ajuda a mãe na confecção e venda de roupas. Ainda assim, sofre com a insuficiência financeira de sua família, o que dá menos margem para ela escolher seu próprio caminho. De acordo com seu relato, ela não frequentará as aulas de um cursinho popular, no qual provavelmente será aprovada, devido às condições de sua família:

É... eu ia fazer cursinho no ano que vem, eu fiz a prova do Acaia Sagarana, não sei se vocês conhecem. É um cursinho que é só pra alunos de escola pública, e aí são duas fases a prova: uma alternativa e uma dissertativa com redação. Só que eu fiz a prova, passei nas duas fases, e aí tinha a entrevista. Fiz a entrevista já faz uma semana e meia, por aí, e aí tem que esperar o resultado, só que eu não vou conseguir fazer o cursinho mesmo se eu passar, porque eu moro no Capão e é lá no alto da Lapa. (...) E daí minha mãe falou: eu vou dar um jeito, que não sei o que... eu pago o Uber pra você de lá até a estação mas, ano que vem eu não tenho passe livre, então não tem como eu falar: “mãe, eu vou fazer e você paga o uber pra mim todo o dia”. Então eu falei: “mãe, já é uma possibilidade que eu descartei”.

Por outro lado, Ana Clara, estudante do Estrela da Manhã, é mais dependente da família e não inclui a falta de oportunidades no seu imaginário. Acerca de suas impressões sobre si mesma, afirma, que se considera uma aluna preguiçosa e teimosa: ao expor sua motivação para sair em busca de Terapia Vocacional, evidenciou a influência e esforço da mãe, concomitantemente à ausência de iniciativa própria:

Acho que foi tipo... eu queria, mas tava com preguiça de ir atrás, aí minha mãe apareceu com uma, e eu falei “tá bom”. Eu fiz numa moça aqui na Pedroso, eu ia fazer numa em grupo, só que aí minha mãe falou “não vai nessa” e eu falei “tá”. Tipo... sabe quando você tá com muita preguiça pra tentar tipo... vencer assim? Aí eu falei “tá bom”.

C. Motivos para as perspectivas de profissionalização

No que diz respeito às motivações para a escolha profissional, o grupo se mostrou bastante heterogêneo. A entrevistada da escola Côrtes Luz atribuiu sua opção ao gosto e facilidade com matemática que carrega - bem como sua preferência por um trabalho que demande interação. O aluno da E. E. Fernando Souto, por sua vez, afirmou deseja ser policial desde a infância. Já a aluna do Estrela da Manhã deu ênfase à terapia vocacional da qual fez parte e à conversa com uma amiga de sua mãe, atuante na área. Finalmente, o motivo apresentado pelo aluno da escola Do Carmo foi a leitura de um único livro.

Nenhum dos entrevistados sinalizou a existência de mecanismos que interferissem na sua escolha pela “profissão dos sonhos”. Todas elas parecem pautadas em anseios, gostos e na realização pessoal - ainda que a execução dessas idealizações seja uma questão mais sensível:

Eu sempre tive muita facilidade com matemática, e eu sempre tive muita vontade de trabalhar em banco, em empresa... - *Isabella*.

Sempre, desde pequeno [quis ser da PM], desde os meus tipo 10, 11 anos - *José Pedro*.

(...) eu fiz terapia vocacional e eu vi Relações Públicas, e eu meio que me apaixonei! - *Ana Clara*.

Aí eu comecei a ler e tal, e gostei, gostei bastante assim, tipo, dessa literatura sobre gestão financeira. Aí daí que eu tive certeza que era aquilo que eu queria fazer - *João Lucas*.

Neste sentido, não observaram-se disparidades quanto à localização e o regime da escola. Entretanto, vale ressaltar o fato de a aluna de escola particular no centro ter realizado terapia vocacional, diferentemente dos demais alunos - fator relacionável às diferenças socioeconômicas. Além disso, a aluna de escola pública, como já descrito, havia relatado a dificuldade de entrada no Ensino Superior logo após o Ensino Médio - e, nesse sentido, sua consideração em cursar um ano de cursinho -, considerando a qualidade do Ensino Básico público. Assim, apesar dos motivos centrarem-se nos desejos e anseios dos alunos, mantém-se as disparidades no que diz respeito ao regime escolar.

5. Conclusão

Os resultados aqui obtidos procuraram elucidar, ainda que de uma maneira muito sucinta, questões pertinentes quanto ao impacto das desigualdades na formulação das perspectivas da juventude. Sobre as hipóteses iniciais, chegamos à conclusão de que as expectativas de profissionalização estão associadas, na maioria dos casos, ao bairro onde se localizam os colégios e ao tipo de regime escolar em vigência. De todos os cenários, apenas para as projeções de longo prazo uma das variáveis perdeu significância - neste caso, a localidade.

Para além, os métodos quali e quanti demonstraram-se de suma importância para apresentação dos dados e evidências que mostram um pouco de como os alunos pensam o seu futuro em diferentes realidades.

Haja vista que nossa matriz de dados forneceu-nos inúmeras opções que, felizmente, nos proporcionaram um recorte mais específico na análise, uma gama de outras possibilidades de investigação foram, inevitavelmente, suprimidas. Por isso mesmo, algumas relações, principalmente no que tange a possíveis cruzamentos de dados, de fato, mereceriam maior atenção.

Outrossim, reconhecendo que as diversas formas da juventude de pensar os rumos de seu futuro não se reduzem à experiência escolar, as experiências individuais captadas pelo método qualitativo também poderiam ser assimiladas mais esmiuçadamente. Assim, dando luz ao fato de que os alunos trazem consigo demandas e necessidades que ultrapassam o universo recluso que há entre os muros das escolas.

Em geral, a pesquisa aqui exposta procurou, na medida em que tomou o jovem por seu potencial de sujeito ativo social, propor reflexões iniciais sobre a diversidade de se pensar esse grupo, especificamente, sobre os aspectos que eventualmente orientassem expectativas distintas quanto a passagem desses para a vida adulta. Assim, as conclusões sobre as correlações entre projetos de vida, localidade e regime escolar tiveram como objetivo, antes, propor o reconhecimento da especificidade em se olhar o jovem que generalizações concludentes. Destarte, reconhecendo a educação como caminho não só para melhoria da qualidade de vida, mas, sobretudo, para a mobilidade social, a necessidade de se estender essas interpretações é evidente.

6. Apêndices

Apêndice I - Modelo do questionário

QUESTIONÁRIO

Alunos do 3º ano do Ensino Médio da [nome da escola]

A. **INFORMAÇÕES PESSOAIS, FAMÍLIA E DOMICÍLIO**

A1. Sexo:

1. [] Feminino
2. [] Masculino
3. [] NR
4. [] NS
5. [] NA

A2. Etnia:

1. [] Branco
2. [] Pardo
3. [] Negro
4. [] Indígena
5. [] Amarelo
6. [] NR
7. [] NS

A3. Idade

1. [] Até 16 anos
2. [] 17 ou 18 anos
3. [] 19 anos ou mais
4. [] NR
5. [] NS

A4. Você tem filhos?

1. [] Sim
2. [] Não
3. [] NR
4. [] NS

A5.1. Qual é o nível de escolaridade do seu pai?

1. [] Ensino Fundamental incompleto
2. [] Ensino Fundamental completo
3. [] Ensino Médio incompleto
4. [] Ensino Médio completo
5. [] Ensino Superior incompleto
6. [] Ensino Superior completo
7. [] Pós-graduação completa ou incompleta
8. [] NR
9. [] NS

A5.2. Qual é a ocupação do seu pai?

1. [] Na agricultura, pecuária, pesca ou afins, na fazenda ou no campo, como mão de obra assalariada
2. [] Na agricultura, pecuária, pesca ou afins, na fazenda ou no campo, como proprietário ou latifundiário
3. [] Na indústria ou meio fabril
4. [] No comércio, banco, transportes ou serviços afins
5. [] No funcionalismo público do governo federal, estadual ou municipal
6. [] Como profissional liberal (ex: dentista, advogado, arquiteto), professor ou técnico de nível superior
7. [] No setor informal (sem carteira assinada)
8. [] Autônomo (ex: costureiro, empregado doméstico, diarista, professor particular, zelador)
9. [] No lar
10. [] Não trabalha
11. [] NR
12. [] NS

A5.3. Qual é o nível de escolaridade da sua mãe?

1. [] Ensino Fundamental incompleto
2. [] Ensino Fundamental completo
3. [] Ensino Médio incompleto
4. [] Ensino Médio completo
5. [] Ensino Superior incompleto
6. [] Ensino Superior completo
7. [] Pós-graduação completa ou incompleta
8. [] NR
9. [] NS

A5.4. Qual é a ocupação da sua mãe?

1. [] Na agricultura, pecuária, pesca ou afins, na fazenda ou no campo, como mão de obra assalariada
2. [] Na agricultura, pecuária, pesca ou afins, na fazenda ou no campo, como proprietário ou latifundiário
3. [] Na indústria ou meio fabril
4. [] No comércio, banco, transportes ou serviços afins
5. [] No funcionalismo público do governo federal, estadual ou municipal
6. [] Como profissional liberal (ex: dentista, advogado, arquiteto), professor ou técnico de nível superior
7. [] No setor informal (sem carteira assinada)
8. [] Autônomo (ex: costureiro, empregado doméstico, diarista, professor particular, zelador)
9. [] No lar
10. [] Não trabalha
11. [] NR
12. [] NS

A6. Quantas pessoas moram na sua casa?

1. [] Moro sozinho
2. [] Duas pessoas
3. [] Entre três e cinco pessoas
4. [] Entre seis e oito pessoas
5. [] Nove pessoas ou mais
6. [] NR
7. [] NS

A7. Quantas das pessoas que moram na sua casa, incluindo você, possuem renda fixa?

1. [] Nenhuma pessoa
2. [] Uma pessoa
3. [] Duas pessoas
4. [] Entre três e cinco pessoas
5. [] Entre seis e oito pessoas
6. [] Nove pessoas ou mais
7. [] NR
8. [] NS

A8. Somando o rendimento de todas as pessoas que moram na sua casa, inclusive o seu, de quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

1. [] Nenhuma renda

2. [] Até 1 salário mínimo (até R\$ 998,00)
3. [] De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 998,0 até R\$ 2.994,00)
4. [] De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.994,00 até R\$ 5.998,00)
5. [] De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 5.998,00 até R\$ 8.982,00)
6. [] De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 8.982,0 até 11.976,00)
7. [] De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 11.976,00 até 14.970,00)
8. [] Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14.970,00)
9. [] NS
10. [] NR

B. POR QUE VOCÊ VAI À ESCOLA?

B1. Responda conforme seu grau de identificação com cada alternativa

B1.1. Porque minha família me obriga.

1. [] Discordo plenamente
2. [] Discordo parcialmente
3. [] Concordo parcialmente
4. [] Concordo plenamente

B1.2. Para aprender.

1. [] Discordo plenamente
2. [] Discordo parcialmente
3. [] Concordo parcialmente
4. [] Concordo plenamente

B1.3. Para não ficar em casa.

1. [] Discordo plenamente
2. [] Discordo parcialmente
3. [] Concordo parcialmente
4. [] Concordo plenamente

B1.4. Para estar entre amigos.

1. [] Discordo plenamente
2. [] Discordo parcialmente
3. [] Concordo parcialmente
4. [] Concordo plenamente

B1.5. Para prestar um vestibular ou dar continuidade aos estudos.

1. [] Discordo plenamente

2. [] Discordo parcialmente
3. [] Concordo parcialmente
4. [] Concordo plenamente

B1.6. Para conseguir um emprego que exija escolaridade completa.

1. [] Discordo plenamente
2. [] Discordo parcialmente
3. [] Concordo parcialmente
4. [] Concordo plenamente

C. EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO INSTITUCIONAL, HISTÓRICO DE ATIVIDADES

C1. Em que tipo de escola você cursou o Ensino Médio?

1. [] Somente em colégio público
2. [] Somente em colégio particular
3. [] Somente em colégio indígena
4. [] Maior parte em colégio público
5. [] Maior parte em colégio particular
6. [] Maior parte em colégio indígena
7. [] NR
8. [] NS

C2. É muito comum que, em grandes cidades como São Paulo, as pessoas gastem muito tempo em seus deslocamentos entre casa, escola e trabalho. No último mês, você diria que se atrasou para a escola:

1. [] Nenhuma vez
2. [] Uma ou duas vezes
3. [] Três vezes ou mais
4. [] NS
5. [] NR

C3. Quantas vezes você diria que faltou às suas aulas no último mês?

1. [] Nenhuma vez
2. [] Uma ou duas vezes
3. [] Três vezes ou mais
4. [] NS
5. [] NR

C4. Você costuma, por livre e espontânea vontade, passar mais tempo nas dependências da escola do que o obrigatório?

1. [] Sim
2. [] Não
3. [] NR

C5. Você diria que tem o apoio dos seus pais para estudar?

1. [] Sim
2. [] Não
3. [] NR
4. [] NS

C6. Você realiza ou realizou alguma(s) da(s) seguinte(s) atividade(s)? Assinale.

	SIM	NÃO
Curso de língua estrangeira		
Curso de computação ou informática		
Curso preparatório para o vestibular (cursinho)		
Artes plásticas ou atividades artísticas em geral		
Esportes ou atividades físicas		
Cursos técnicos		
Outros cursos. Quais?		

C7. Qual alternativa melhor contempla sua situação atual de trabalho?

1. [] Estou empregado em um trabalho remunerado
2. [] Estou empregado em um trabalho não remunerado
3. [] Eu nunca trabalhei, mas estou procurando trabalho
4. [] Eu já trabalhei, mas estou desempregado(a) e procurando trabalho
5. [] Eu já trabalhei, mas estou desempregado(a) e não procuro trabalho
6. [] Eu nunca trabalhei e nem procurei trabalho
7. [] NR

C8. Qual é a duração da sua jornada de trabalho? Em outras palavras, quantas horas você trabalha por dia?

1. [] Entre 2 e 4 horas por dia
2. [] Entre 4 e 6 horas por dia
3. [] Entre 6 e 8 horas por dia
4. [] Mais de 8 horas por dia
5. [] NA
6. [] NS

C9. Caso você esteja empregado ou procurando emprego, você o faz por motivos de (é permitido assinalar mais de uma resposta):

1. [] Para ganhar dinheiro para mim
2. [] Para ajudar a minha família
3. [] Para obter experiência no mercado de trabalho
4. [] Para ter contatos e relações que poderiam me encaminhar a um trabalho no futuro
5. [] NA
6. [] NR

C10. Caso trabalhe, você diria que percebe alguma relação entre o que você aprende na escola com aquilo que você aprende no trabalho?

1. [] Sim
2. [] Não
3. [] NR
4. [] NA

C11. Qual das seguintes palavras se aproxima mais do que você pensa sobre trabalho? (Escolha até duas opções)

1. [] Necessidade
2. [] Auto realização
3. [] Independência
4. [] Experiência
5. [] Obrigação
6. [] NR
7. [] NS
8. [] NA

C12. Na sua opinião, uma pessoa precisa ao menos de qual nível de escolaridade para obter um emprego ideal?

1. [] Ensino Médio
2. [] Curso profissionalizante

3. [] Ensino Superior Tecnológico (média de 2 anos)
4. [] Ensino Superior (média de 4 anos)
5. [] Pós graduação (especialização, mestrado, doutorado, etc.)
6. [] Nenhuma das anteriores
7. [] NR
8. [] NS

D. ASPIRAÇÕES

D1. Quais são os seus planos após completar os estudos atuais?

1. [] Conseguir um emprego
2. [] Permanecer no meu atual emprego
3. [] Trocar de emprego
4. [] Criar o meu próprio negócio
5. [] Ficar em casa
6. [] Passar para outra etapa de educação/formação/aprendizagem
7. [] Entrar na faculdade e trabalhar ao mesmo tempo
8. [] Fazer intercâmbio
9. [] Outros. Especifique: _____

D2. Qual é o nível educativo mais alto que você espera completar?

1. [] Ensino Médio regular
2. [] Ensino Superior Tecnológico (média de 2 anos)
3. [] Ensino Superior (média de 4 anos)
4. [] Pós-graduação (especialização, mestrado, doutorado, etc.)
5. [] Outros. Especifique _____

D3. Ao terminar seus estudos na escola, em qual desses cenários você acha que a sua família mais te apoiaria?

1. [] Ingressar em um curso de Ensino Superior
2. [] Ingressar em um curso profissionalizante
3. [] Ingressar no mercado de trabalho
4. [] NR
5. [] NS

D4. Idealmente, qual das seguintes áreas você gostaria de estudar?

1. [] Ciências Exatas (Arquitetura, Engenharia, Agronomia, Ciência da Computação, Design, Oceanografia, Física, Sistemas de Informação, Matemática ou afins)
2. [] Saúde (Medicina, Nutrição, Veterinária, Farmácia, Fisioterapia, Enfermagem ou afins)
3. [] Ciências Biológicas (Biologia, Paleontologia, Zoologia, Biomedicina ou afins)

4. [] Ciências Humanas ou Sociais (Direito, Pedagogia, Administração, Ciências Sociais, Economia, Artes ou afins)
5. [] Outra
6. [] NR
7. [] NS
8. [] NA

D5. Idealmente, qual tipo de trabalho você gostaria de exercer?

1. [] Começar seu próprio negócio
2. [] Trabalhar para o governo/serviço público
3. [] Trabalhar para uma empresa privada
4. [] Trabalhar para uma Organização Não Governamental (ONG)
5. [] Trabalhar com negócios familiares
6. [] Trabalhar como pesquisador em qualquer setor
7. [] Trabalhar como profissional liberal (advogado, dentista, arquiteto...)
8. [] Outro
9. [] NR
10. [] NS

D6. Dentro dos próximos 5 (cinco) anos, qual desses tipos de trabalho você provavelmente irá exercer?

1. [] Começar seu próprio negócio
2. [] Trabalhar para o governo/serviço público
3. [] Trabalhar para uma empresa privada
4. [] Trabalhar para uma Organização Não Governamental (ONG)
5. [] Trabalhar com negócios familiares
6. [] Trabalhar como pesquisador em qualquer setor
7. [] Trabalhar como profissional liberal (advogado, dentista, arquiteto...)
8. [] Outro
9. [] NR
10. [] NS

Apêndice II - Roteiro de entrevistas

1) Família

- a) O que a família incentiva a fazer; esta pergunta pode ser feita também em relação a irmãos, caso a pessoa tenha; e se forem mais velhos, perguntar o que eles fazem e ver se isso tem alguma relação ou não com o que os próprios pais fazem;
- b) Se a família aceita aquilo que pretende fazer ou aceitaria se não estivesse de acordo com o que eles gostariam que fizesse. Nós podemos chegar a isso questionando se a pessoa já mudou de ideia sobre o curso ao longo da vida. Se desistiu de algum, por que desistiu, se tem a ver com a opinião da família, etc.

2) Escola

- a) Como a trajetória escolar influenciou nas pretensões de futuro;
- b) A escola te incentiva a fazer o que depois de formado(a)?
- c) Como era isso em outras escolas?
- d) Essa conversa é recorrente?
- e) A feira de profissões só chama pessoas que conseguiram diploma de ensino superior ou também outros profissionais - ex. técnicos em enfermagem, comerciantes, etc?

3) Pretensões

- a) Pretende ingressar num curso superior? Por que? E se não, por que? (para entender como eles veem o curso superior... se eles entendem como necessário para ter um bom emprego ou não);
- b) Como você acha que seria seu emprego ideal? Tem a ver com a rentabilidade?
- c) Se a área que eles têm interesse corresponde com o que eles pretendem alcançar no futuro;
- d) Explorar os motivos que levariam a pessoa a procurar um emprego;
- e) Já cogitou fazer outros tipos de cursos, técnicos e profissionalizantes?
- f) Conhece cursos técnicos? Conhece alguém que faz cursos técnicos?

Apêndice III - Transcrição das entrevistas

Escola Estadual Côrtes Luz (Pública - Centro)

1. O que sua família te incentiva a fazer?

Mais ou menos é muito minha mãe que me incentiva as coisas, então ela apoia o que eu decidir. Porque como ela não teve muita informação sobre tudo isso e tudo o mais, ela... o que eu decidir, pra ela é o caminho que eu quero seguir então é o que eu vou fazer.

2. E seu pai?

Meu pai não tem que decidir nada. Meu pai... eu nem comento muito dessas coisas com ele, porque por ele eu faria qualquer faculdade, faria Estácio, faria... a faculdade mais barata que tem, mas como isso não é uma coisa que eu quero pra mim eu nem comento muito com ele.

3. E você já sabe o que você quer?

Eu quero fazer Ciências Contábeis.

4. Como você chegou nisso?

Eu sempre tive muita facilidade com matemática, e eu sempre tive muita vontade de trabalhar em banco, em empresa... empresa multinacional, tanto que eu já fiz passeio pro Bank of America, já fiz atividades aqui da Votorantim, da KPMG, e tudo mais. E aí nisso foi me despertando. E aí de início eu queria fazer administração, só que quando eu fui olhar a grade curricular, tinha muita coisa de humanas, aí eu falei não, isso não é pra mim. Eu não gosto de humanas, não é a minha vibe. Aí eu fui olhar: tem economia e tem ciências contábeis. Aí eu fui olhar a grade de economia, também tem muita coisa de humanas, falei não, essa aqui também não é pra mim. Aí eu olhei a grade de ciências contábeis, falei: “nossa, aqui tem menos, então é essa daqui que eu vou”. Porque então, praticamente eu vou trabalhar na mesma área, só que com faculdades diferentes né, então, vou optar por essa. Aí foi ciências contábeis.

5. Você tem irmãos?

Tenho, mas não falo. Por parte de pai. São mais velhos.

6. Eles fizeram faculdade?

Sim, ela fez turismo, hotelaria e turismo.

7. Essas empresas grandes que você falou, elas vieram aqui na escola?

Isso.

8. Como isso aconteceu?

É que a nossa escola tem muita parceria né, então tipo, aquela sala lá era da Samsung né, aquela que vocês deram palestra aquela vez. Então tipo, ela tem uma parceria com a KPMG, aí pela Junior Achievement a gente foi pro Bank of America, e tudo mais. De empresário-sombra, a gente acompanhou uma pessoa pra ver como que era o trabalho dela e tudo mais. Aí, igual, a KPMG teve um cyber-day, deram umas palestras de segurança na internet, como a gente poderia se precaver de qualquer coisa que poderia vir a acontecer, e da Votorantim veio alguns profissionais contarem a experiência deles desde o ensino médio até onde eles estavam.

9. Foi nesse ano que você decidiu, como foi esse processo?

Não, de matemática eu já venho me identificando desde a 4ª série, que tive uma professora que me despertou. Aí na 8ª eu tive mais um professor que me despertou, aí depois da 8ª série foi uma coisa que eu vi “nossa, eu tenho muita facilidade em fazer conta, muita facilidade, eu faço conta muito rápido”... é, se eu demorar meia hora pra fazer uma prova de matemática é muito, porque eu faço muito rápido, então... eu falei, eu tenho que trabalhar com alguma coisa que envolva isso, e alguma coisa que eu goste, que é trabalhar com pessoas, que... eu penso muito em fazer uma pós em RH, mesmo que tenha essa parte de humanas, mas... é uma parte de interagir com as pessoas então, eu penso muito em fazer uma pós em RH, mas... era uma coisa que eu via: o que que eu vou linkar matemática? Eu vou linkar matemática com um lugar que eu quero trabalhar, aí foi ciências contábeis.

10. Você tem ideia de faculdade?

Então, eu fiz o ENEM, mas estudando só em escola pública, sem fazer cursinho, essas coisas, não tem como ir bem. É... eu ia fazer cursinho no ano que vem, eu fiz a prova do Acaia Sagarana, não sei se vocês conhecem. É um cursinho que é só pra alunos de escola pública, e aí são duas fases a prova: uma alternativa e uma dissertativa com redação. Só que eu fiz a prova, passei nas duas fases, e aí tinha a entrevista. Fiz a entrevista já faz uma semana e meia, por aí, e aí tem que esperar o resultado, só que eu não vou conseguir fazer o cursinho mesmo se eu passar, porque eu moro no Capão e é lá no alto da Lapa. É lá perto da Estação Imperatriz Leopoldina, só que é só de noite, é só das 6 até as 10:30, então não tem como eu voltar pra casa, é muito longe, é muito perigoso. E daí minha mãe falou: eu vou dar um jeito, que não sei o que... eu pago o uber pra você de lá até a estação mas, ano que vem eu não tenho passe livre, então não tem como eu falar: “mãe, eu vou fazer e você paga o uber pra mim todo o dia”. Então eu falei: “mãe, já é uma possibilidade que eu descartei”.

Aí eu fiz o vestibular da Anhembi, fiz o da FMU, mas o da FMU eu não gostei, achei muito desorganizado, da Anhembi eu gostei. Eu ia fazer o da São Judas, mas eles também foram muito desorganizados e eu marquei que eu queria fazer em Santo Amaro, que é mais próximo da minha casa, mas eu marquei que, se eu passasse, eu queria estudar no Butantã, porque eu acho que a localidade é melhor então, provavelmente a estrutura da faculdade também é melhor. Aí eles me colocaram pra fazer a prova no Butantã, só que... eu acordei as 8 e a prova era as 10, então tipo, não tinha como eu chegar lá as 10, então acabei que não fiz a prova da São Judas. Mas como eu já... já me inscrevi na UNIP, né, e eles falaram que não pagava taxa de rescisão de contrato, já me matriculei e deixei minha matrícula lá. Na UNIP não, na... Anhembi. E então eu falei “ah, a Anhembi não é uma das piores opções, não é a melhor, mas também não é... a pior, tá dentro do meu orçamento que eu posso pagar”, e então eu pensei “nossa, eu vou fazer uma graduação mediana, pra depois eu fazer uma pós, um mestrado, um doutorado, numa faculdade melhor”.

11. O que as suas professoras tinham que te fez gostar de matemática?

Vontade de ensinar. Não sei se é eu que me identifiquei com o professor, ou se eles tinham mesmo muita vontade, porque eu já vi muitos amigos meus, que eu estudo com essa galera faz um bom tempo, e já vi muita gente reclamando. Mas, pra mim aquilo ali era muito simples, muito simples, eu olhava assim “é só isso?”. Tipo, na 8ª série, quando chegava época de prova, eu lembro que meu professor passava duas provas por bimestre, aí, tipo eu dormia o bimestre inteiro, quando chegava tipo faltando 3, 4 dias, 1 semana pra prova eu falava “professor, qual que é a atividade?” aí eu ia lá, fazia, uma semana assim antes, 3 dias antes, quando chegava na prova eu ia lá, tirava 10, 9,5, sempre foi uma coisa muito fácil pra mim, eu sempre tive muita facilidade com contas.

12. Você já cogitou fazer algum curso técnico ou profissionalizante?

Então, eu tinha, quando eu... saí do fundamental, eu tinha feito a prova da ETEC, só que eu não tinha passado, eu não, não passei. Então eu deixei meio que de lado a ETEC porque como eu fiz o primeiro ano... aí depois eu vim pra cá e falei “não tem como eu fazer a ETEC e tá estudando integral no Costa” e eu não queria sair daqui então... eu deixei, mas eu faço curso de inglês (8º semestre) e tenho dois anos de curso de informática, então...

13. E você sai da escola e faz?

Não, faço dia de sábado.

14. Você trabalha?

Não, não tem como... estudar integral e trabalhar. Eu tenho um negócio paralelo com a minha mãe, porque... minha mãe, ela achava uniforme muito caro, então na primeira série lá do meu

fundamental, ela falou assim “eu não vou pagar esse uniforme caro”, aí ela foi atrás lá no Brás, comprar tecido, e foi procurar um costureiro e vai fazer seu uniforme. E aí nisso ela começou. Aí foi: 2009, 2010, 2011, 2012, aí eu fui mudando de escola, ela começou a fazer do Aristides, que é aqui nessa rua de trás, na Leopoldo e... aí fez, os 4 anos que eu estudei lá ela fez uniforme, aí ela pegou creches do Paraisópolis, de... do... do Campo Limpo algumas creches assim, também faz uniforme de lá, e como ela tem muita clientela, ela também vende roupa, que a clientela é maioria mulher, então ela vende muita roupa. Então, como minha mãe, ela fala “não, não vou te dar dinheiro fácil, você que tem que conseguir o seu”, então eu faço assim, eu pego as roupas que ela traz, e ela fala “ó, não preciso tirar minha comissão, você só me paga o capital e o lucro fica pra você” então eu vou postando as peças no status do whatsapp, e aí eu vou vendendo, pra galera que eu conheço da escola, que eu conheço de fora... e aí que eu vou tirando um dinheiro pra mim. É um trabalho que não gera muito esforço, mas aí eu tiro um dinheiro pra mim.

15. Você gosta da escola?

Sim, gosto bastante do Costa. Assim... gostava mais no ano passado, acho que quando chega no terceiro ano as coisas ficam meio assim... acontecem coisas desagradáveis, mas... a escola é muito boa.

16. Quais coisas desagradáveis?

(pausa) ah... acho que não vem a serem mencionadas, sabe?

17. Você gosta dos professores, dos coordenadores?

Assim, eu acho que... essa escola, é uma escola muito boa, mas os professores já estão desmotivados, eles não aguentam mais olhar pra nossa cara, não aguentam mais vir pra escola... e... e eles acabam descontando isso na gente. Aluno de ensino médio, ele quer confrontar tudo né, “ai que não sei o que, que não pode falar assim comigo, que não sei o que” e a gente não aceita né, que um professor fale de qualquer jeito com a gente, do mesmo jeito que eles não aceitariam se a gente falasse, então gera muito conflito por conta disso.

18. Você tem alguma hipótese do porque eles estão de saco cheio? Você acha que é o salário, a bagunça...

Ah, não. Salário não é não. Salário não é. Eles ganham 75% a mais do que professor de escola pública normal.

19. Por que?

Porque dão aula integral. Eles ganham a mais.

20. Mas então por que eles estariam desmotivados?

Eu acho que é, primeiro: muito tempo dentro da escola. É muito tempo, são 9 horas por dia, é muita coisa pra fazer. Tem professor que pega as 8 salas... cada sala, chutando alto, 30 alunos, quer dizer, tem sala que tem mais, tem sala que tem 40, mas imagina: 30 provas, de 30 pessoas diferentes, 8 salas... então fica pesado.

Eu tenho um professor de matemática muito bom, assim, eu não tenho o que reclamar dele. Mas de outros professores posso dizer assim que isso acontece.

21. Eu percebi que você tem uma relação legal com o coordenador. Isso todo mundo tem, ou são pessoas específicas?

São pessoas específicas.

22. Você acha que os professores de conhecem por seu nome, pelos seus gostos, você sente isso ou é mais impessoal?

Não, eles me conhecem, sabem a faculdade que eu quero fazer, pra onde eu viajei, o cursinho que eu passei na prova... porque aqui, eles gostam muito de mostrar isso. Gostam muito de mostrar o aluno que fez isso, o aluno que foi pra tal lugar, o aluno que passou em tal prova. Todo mundo sabe.

23. Você tem algum emprego ideal?

Ah, que me efetivem e que eu ganhe muito bem! Mas eu tenho uma tia que trabalha no Santander, ali do lado do JK, então eu to na esperança de que ela não saia até eu terminar o Ensino Médio e que eu consiga entrar nesse banco né, porque como primeiro emprego, entrar no Santander, naquela torre, falei “cara...” mas se não, eu vou tentar vaga pelo CEEE, pela Infojobs, pela Nube... ir atrás.

24. E como você conhece essas plataformas?

Porque no 1º ano, eu não estudava aqui. Então eu falava pra minha mãe: “mãe, só vou pro Costa (porque minha escola no 1º ano era na periferia e era muito ruim, os professores faltam e tudo mais...), eu mudo de escola, mas se eu conseguir um emprego eu vou ficar aqui. Então eu sempre tive vontade de trabalhar. Aí eu me inscrevi no CAEE. Só que aí eu precisava fazer um monte de coisa, na época eu não conhecia muito bem... então eu só me inscrevi, e acabou que eu não fui ver proposta de emprego nenhuma. Aí depois, tendo as aulas de OE, de PA aqui na escola né, que são aulas diversificadas, é PA = Projeto Acadêmico, aí tem PV = Projeto de Vida, e OE = Orientação de Estudos. E aí a gente também tem MT, no 3º ano, que é Mundo do Trabalho, aí a gente vai pegando o jeito dessas coisas, então o CAEE eu já conhecia, aí os outros eu fui

conhecendo, também porque o meu namorado arranhou um emprego pelo CAEE, ele conseguiu na BM Company, que é ali na frente do JK, é uma empresa de consultoria, então aí eu já fui tomando mais noção por conta disso.

25. Quais são as diferenças que você vê entre a escola que você estudava, que era na periferia, e essa escola?

Os professores vêm aqui. A principal coisa é que os professores vêm, aqui tem aula, então tipo não tem aula vaga. Ah, faltou professor, a gente vai ficar jogado no pátio, na periferia tem isso. Não. Aqui não libera cedo. Então tipo, na última aula o professor não tá, você vai ficar na escola, você não vai embora 3:10, que é o horário da última aula. A gente fica das 7 até as 4, aí a última aula é 3:10.

Então lá não, lá tipo a última aula era... acho que era 11:40, 11:50...alguma coisa assim. Não, acho que era 11:20. Não tem essa, você vai ficar até o horário de ir embora aqui, e lá não, lá era só: não tem a última aula? Pode ir embora.

26. Então aqui é mais rígido?

É. Mas aqui os professores vem por causa do salário também, então... é por causa do salário, não é porque eles gostam de vim dar aula não, eles gostam do salário.

Escola Estadual Fernando Souto (Pública - Periferia)

1. A gente achou que a escola era bem menor, mas só aqui vocês têm um campo de futebol na parte de fora!

Antigamente aqui usavam o campo de futebol mas acabaram que... tirando tudo e... agora é só um espaço aberto.

Eu tava falando com a diretora pra fazer pelo menos mais uma quadra de basquete e outra... de futsal, mas aí tá... sem verba então...

2. E você é bem engajado aqui né?

Sim, eu estudo aqui desde o 1º ano... do Ensino Médio, que eu vim lá do CÉU Guarapiranga. É aqui na Estrada Baronesa.

3. É muito longe da sua casa?

Daqui é uns 40 minutos, da minha casa. Um amigo meu, que ele tá aí no grupo também, ele vem de perua. Mas eu prefiro vim a pé.

4. Por que você quis fazer essa mudança, vir pra cá?

A escola é muito engajada, ela é muito boa, às vezes... tem vários eventos, tipo agora, o Festival dos Sonhos. Fora isso tem olimpíada, eles fazem olimpíadas também... às vezes tem é... qual é o nome? Pera. [...] Concurso de matemática.

[A escola] é muito mal falada porque ela tá localizada no Ângela entendeu, Sul 2... aí nossa, deve ser uma bardernaria, muito ruim... mas não é. Essa escola é muito boa, gosto muito dela. Infelizmente né, tô no 3º ano do ensino médio, aí eu vou parar com tudo...

5. Vai parar?

Não, não parar... Vou sair dessa escola, mas vou vim visitar

6. E o festival dos sonhos?

Festival dos Sonhos, vai ter várias apresentações aí, tipo dança, vai ter desfile, aí um amigo meu vai falar sobre a profissão dele, que ele é Youtuber.. aí ele vai falar tudo... e é isso. É iniciativa dos alunos. Vai ter apresentação de hip hop também, que as meninas vão fazer. Vai ter uma menina também que vai falar sobre design gráfico né, que ela faz.

7. O vestibular está chegando, a escola movimenta-se nesse sentido?

Os professores, quando a gente entra no 3º ano, eles ficam muito focados no ENEM, vestibular. Aí eles conversam com a gente também, tiram metade da aula pelo menos pra falar sobre isso.

8. E você já sabe o que vai fazer?

Não, eu, por exemplo, só quero fazer um curso de Administração Pública, que eu quero ir pra PM. Aí eu faço um curso na FMU, lá em Santo Amaro. Aí depois disso eu quero fazer... eu só tô estudando mesmo, pra Administração Pública, e depois tentar o concurso ano que vem.

9. São só dois anos ou são 4?

São 2 anos.

10. Você sempre quis ser da PM, fazer concurso?

Sempre, desde pequeno, desde os meus tipo 10, 11 anos. A maioria dos meus familiares é tudo encanador ou eletricitista, aí só eu que tive essa ideia. A maioria nem fizeram fundamental. Só minha mãe que tem ensino médio completo e tá fazendo curso agora de confeitadeira.

11. Você tem irmãos?

Tenho, eu tenho um irmão de 13 anos, ele diz que quer ser astronauta, aí eu já não sei... (risos). E minha irmã é da enfermagem. Ela tem 24 anos, fez técnico. Daqui a pouco ela já tá saindo de casa, espero que sim, aí eu fico com o quarto dela.

12. E seu pai?

Infelizmente não tem contato com pai

Irmão diz que quer fazer ETEC. Ele tá no 7º ano, daí ele vai pro 8º, 9º ano e vai fazer a ETEC. Eles fazem o curso técnico e já engajam pra algum emprego.

13. Como é que sua mãe se sente com você querendo ser PM? Ela te apoia?

Não... nem tanto. Ela acha perigoso, muito perigoso. Assim, mas ela me apoia mas... daquele jeito.

14. Vocês têm muito contato com a polícia aqui no bairro, eles ficam sempre por aqui?

Então... sim, sim, é... principalmente ronda escolar, porque eu não sei porquê hoje não teve mas sempre tá passando aí.

Eu só quero ser da PM pra ganhar experiência, porque o que eu quero mesmo é ser da ROTA.

15. A ROTA é o seu ideal de emprego?

É, é meu ideal, mas eu quero primeiro ser da PM pra ganhar experiência e ir pra ROTA.

16. As pessoas aqui trabalham, a maioria?

É, a maioria sim. Na minha sala tem gente que faz... tipo, é, trabalho empacotando coisas, outros faz uns bico.., outros é da administração de uma empresa. Tem bastante gente que trabalha na minha sala. Tipo... pelo menos metade. Os outros ainda não sabe o que vão fazer.

Escola Estrela da Manhã (Particular - Centro)

1. Pra começar, o que sua família te incentiva a fazer?

Tipo... meu pai, ele fez engenharia, e minha mãe fez direito. E meu pai só não tá usando engenharia na vida dele, tipo... nem um pouco... e minha mãe tá tipo se reencontrando em outra área do Direito, e eles tão muito noiados porque eles têm medo de eu começar a fazer a faculdade e não gostar, ou de tipo... não ter área, porque relações públicas tipo... tem área, mas não é tanta, sabe. Só que eu vou pra Casper, então tipo... é mais tranquilo, porque a Casper é boa. Mas enfim. E eles tavam me pressionando muito pra fazer Administração, tipo muito, muito, muito, até que eles desistiram... graças a deus (risos)

2. Pressionando como? “você vai fazer isso de qualquer jeito”?

Não... tipo eu falava “ai eu tava pensando em fazer tal coisa” e eles: “sabe o que dá pra fazer? Um curso de administração e se especializar nisso!”, aí eu ficava tipo “não! Eu não quero fazer isso” (risos) tipo não é a mesma coisa...

3. E como você definiu que você ia fazer Relações Públicas?

Eu fiz terapia vocacional... tipo no começo eu realmente queria fazer administração, mas eu fiz terapia vocacional e eu vi relações públicas, e eu meio que me apaixonei. Aí eu tenho uma amiga da minha mãe que ela faz, tipo ela cursou relações públicas e agora ela tá cuidando de todo um setor de comunicações de uma empresa internacional, não sei o nome... posso ver. Aí tipo... eu fui conversar com ela, fui bater um papo, e eu tipo vi que é exatamente o que eu queria fazer.

4. O que seria?

Ela cuida meio tipo... é que vai demorar pra eu chegar lá. Mas ela é meio CEO da área de comunicação. E ela falou que tipo... entre todos os cursos de comunicação que é Marketing – nunca cogitei porque é meio difícil fazer Gracinha e sair pra tipo um Marketing da vida – e sei lá... Jornalismo – mas não tem Jornalismo... mas enfim, ela falou que entre Marketing, Relações Públicas e Rádio TV e Propaganda, o que mais é... chama atenção não, mas tipo, o que mais se destaca é Relações Públicas no currículo, porque tipo, é mais amplo, e também porque tipo... é exatamente o que eu quero fazer, tipo ela mostrou o que ela faz, ela mostrou todo o trabalho dela. Eu sou uma pessoa que ama matemática, então ela mostrou que tem muita matemática, mas também tem muita essa questão social, também tem muito essa questão de tipo eventos, e tipo cuidar de toda essa área de comunicação dentro da empresa, que eu achei muito daora.

5. E você fez a terapia vocacional esse ano. Veio de você esse desejo?

Acho que foi tipo... eu queria, mas tava com preguiça de ir atrás, aí minha mãe apareceu com uma, e eu falei “tá bom”. Eu fiz numa moça aqui na Pedroso, eu ia fazer numa em grupo, só que aí minha mãe falou “não vai nessa” e eu falei “tá”. Tipo... sabe quando você tá com muita preguiça pra tentar tipo... vencer assim? Aí eu falei “tá bom”.

6. E você fez cursinho pra entrar na Casper?

Não.

7. E como foi sua rotina de estudos, você acha que a escola te ajudou?

A escola me ajudou porque eu não estudo (risos). Tipo... eu não sou uma aluna estudiosa, eu admito. Tipo... eu acho que, não sei se vocês tiveram aula com o Zé Edu, mas as aulas de redação dele me ajudaram muito, tanto que tipo, eu entrei mais pela redação do que pelos textos, tipo tirei 880, que é uma nota boa. São 50 questões e uma redação, frente e verso, e... sei lá, ele deu 6 meses, mais ou menos, de aula só pra escrever sabe, então foi um negócio que me ajudou muito. Mas eu também fiz os simulados que tem na escola né... então tipo tem o simulado opcional da Casper, eu fui e fiz... simulado opcional da FUVEST, eu sempre faço... simulado do ENEM, eu tô fazendo, sabe, esses simulados eu sempre faço, que ajudam um pouco, dão uma noção sabe. Mas tipo, estudar, estudar mesmo, eu não estou estudando porque eu tô com um probleminha pra passar de ano, então tipo, eu não tô mais, eu recuperei, mas eu tô mais focada em primeiro passar pra escola do que tipo ir pra faculdade, porque, eu não sei... tipo é menos pior eu passar sem entrar na faculdade do que entrar na faculdade e repetir de ano, isso deve ser péssimo. Você nem pode entrar.

8. Você teria outra opção caso não passasse na Casper?

Acho que não... porque tipo, eu me inscrevi só pra Casper e pra USP, eu tinha me inscrito pra Anhembi Morumbi só que eu passei mal e eu não fui... mas tipo, eu não sei, eu acho que eu tô muito a fim de Relações Públicas, se eu entrar na faculdade e não gostar, eu saio e faço cursinho, tento outra coisa. Eu tô bem relaxada com isso sabe, não acho que tem tanta pressa.

9. Que tipo de aluna você diria que é? Como você se definiria?

Não sei... acho que preguiçosa, mas ao mesmo tempo teimosa. Tipo... se eu quero alguma coisa eu faço, só que ao mesmo tempo eu tenho muita preguiça, então eu não sei. Quando eu tô a fim eu vou muito bem, quando eu não tô a fim eu só cago. Eu sou meio 8 ou 80 sabe...

10. E a escola, ela interfere no seu desempenho? A coordenação, os professores?

Ah, sim. Sou bem amiga de toda essa galera aí, porque eu tô no Coletivo e no Grêmio, então eu meio que tenho que ter esse link com a orientação e com os professores, pra tipo conseguir fazer

essas coisas. Enfim, eu tenho que ter esse link pra dar certo. E não sei... por eu ser preguiçosa, eu já... eu sou conhecida na orientação, vamo botar assim. É tranquilo assim... eu não acho que é um negócio que é uma baita ajuda, mas tem um suportezinho assim. Eu faço monitoria, porque tipo, eu comecei a fazer com a minha ex-professora de física, porque eu tava com notas muito baixas e eu tava com uns problemas psicológicos em casa também. O professor, se você tá numa situação delicada, é que eu tenho uns problemas em casa, então tipo, não rola de eu falar “mãe, preciso de uma tutoria”, que ela me manda à merda, mas o Gracinha se voluntariou. Tem alguns professores que, pros alunos que realmente precisam, se voluntariam. Mas tipo, se você quer uma tutoria e você não tá dentro dessa lista, eles indicam uma tutoria boa que tem aqui no Kinoplex. Não sei se vocês viram aquela minha amiga loirinha faz aqui no Kinoplex.

11. Você paga a mais pra fazer essa tutoria?

Não, a tutoria no Gracinha é de graça, e a do Kino é paga.

12. Você já trabalhou, ou você trabalha?

Eu... trabalhei com a minha mãe um pouquinho, porque... tipo, minha família é estranha. Um lado é muuuuuito rico, que é o do meu pai. Tipo, não é muuuuito rico, mas tipo, não tá mal, e outro lado tá péssimo, tipo, minha vó tá numa situação péssima, então tipo, eu tava trabalhando com a minha mãe pra conseguir dar uma ajudinha pra minha vó, porque ela tá meio mal e... sei lá. Então a gente é bem meio termo. Quando eu preciso de alguma coisa eu tenho que vender minhas roupas, eu faço brigadeiro quando eu preciso... não sou aquela elite do Gracinha. Vocês sabem, vocês estudaram lá. É bizarro.

13. Você pode explicar um pouco mais sobre isso, sobre o perfil do aluno do Gracinha?

O perfil do aluno do Gracinha é aquelas calças super caras, tipo... Farm, umas lojas que eu não sei qual o nome... tipo 500 reais uma calça, 400 reais uma blusa, tipo lançou uma coisa nova a galera já compra. Tipo eu compro tudo em brechó, brechó e atacado no Brás e é tipo... suave, pra mim eu tô bem com as minhas escolhas e não são feias minhas roupas sabe, eu me viro nesse meio. Mas sei lá, eu tenho amigas que... por exemplo, ano passado a gente teve aquele negócio de passar em uma comunidade antes de ir pra Brasília, que pararam inclusive. E a menina levou um cartão de crédito pra pagar o ônibus. Aí eu fiquei tipo “Não” e dei o meu bilhete único pra ela passar. É outra realidade sabe... a galera do Gracinha. Pra mim é mais próximo, por exemplo: se eu tenho que visitar meu primo. Meu primo mora BEM longe, tipo ele mora quase em outra cidade, então eu tenho que pegar muitos metrô e muitos ônibus, dois ônibus, várias baldeações. Aí eu tenho que ir até o final da linha vermelha... não, vermelha não, até o final da linha azul, e aí eu pego mais 2 ônibus. Então é bastante coisa. Eu sei me locomover, por um lado da minha família ser mais “pobre”, vou colocar assim eu tive contato com isso. Mas tem uma galera que

não faz a menor ideia, não faz a menor noção, acho que o povo do Gracinha tem essa mania de ficar desvalorizando o dinheiro que tem. Tipo falar: “ah, mas eu não tenho privilégio”. Cara, eu não tenho tanto privilégio e eu admito que eu tenho, sabe. Umas meninas que chegam com umas bolsas bizarras, uma pulseirinha da Swarowski cara pra caralho e falam “esse povo privilegiado”.

14. E com a sua mãe, você trabalhava com o que com ela?

Minha mãe, ela tá abrindo uma empresa de mediação, e eu era meio secretariuzinha assim (risos)... é ela e mais 4 amigas, e elas tão começando agora, então tipo PowerPoint... eu não era nem paga nem nada, então eu tava lá pra ajudar e o dinheiro que eu receberia eu dava pra minha vó. Mas tipo... sei lá, fazendo PowerPoint, e fazia agenda...

15. Você mora perto do Gracinha?

Sim, moro. Eu vou à pé.

16. Vocês têm integral?

Sim, só quinta.

17. Como seria seu emprego ideal?

Cara, eu não sei. Eu só sei que eu queria trabalhar com alguma coisa tipo... que ajudasse pessoas (risos). É muito amplo, mas trabalhar por alguma causa, sabe... eu não sei, eu não quero ser uma dessas pessoas que trabalham, mas pra nada sabe, eu quero trabalhar pra alguma causa. Eu sei que o trabalho que eu tô escolhendo é um negócio que vai me dar renda, se eu fizer certo, mas aí eu quero ajudar quem não tem essa segurança. Eu fazia voluntário na Casa 1, que tá com problema, e sei lá eu conversava com uma galera, que tipo, tá sem lugar pra morar, ou que tem dificuldade, ou que é abandonado pelos pais sabe. Eu acho que uma vez que você vê essa realidade, e sabe o que é conseguir ajudar uma pessoa, não é fácil você desistir assim.

18. E você acha que esse sonho vai se concretizar no futuro?

Eu espero. Mas aí eu também não sei, meio longe. Tipo, eu fui num... nossa, qual é o nome daquilo? Teve aquela roda... das profissões, nossa, passei longe de organizar isso, mas tinha tipo, quando eu ainda queria fazer adm eu fui conversar com esse menino, e ele tá fazendo GV e ele contou que ele pegou um estágio numa empresa... e é alguma coisa com tipo fins sociais assim, tipo que ajuda com essa questão ecológica e tal, daí eu falei caralho, que daora que você conseguiu achar isso em adm sabe. Então se ele conseguiu achar isso em adm eu espero conseguir achar isso em RP. Tipo, eu vou dar uma pesquisada, sabe.

19. Você já pensou em fazer algum curso técnico ou profissionalizante?

Por enquanto, não.

20. Você conhece alguém que já fez?

Conheço.

21. Do Gracinha?

Não.

22. Você acha que os professores do Gracinha incentivam pro Vestibular, ainda que seja uma escola mais construtivista e menos focada no vestibular?

Sim. Eles começaram ano passado com um curso de... não sei o nome disso, mas é meio que uma terapia vocacional sem a parte da terapia, tipo, é com a Carlinha. Ela parou de ser da Orientação e foi pra isso. É que eu nunca fiz, mas pelo que os meus amigos me contam é meio em grupo, e aí você vai visitando as faculdades e tudo mais, mas é opcional, aí também tem aquela roda de... coisas, de profissionais, aí não sei, o Zé é um professor que mete meio o louco nessas questões, ele fala bastante de vestibulares diferentes, ele dá a lista dos vestibulares, ele dá um baita apoio... a Dudu também, a Dudu é uma fofa, a Fabí de química também... tem os simulados de ciência, os simulados do ENEM, esses todos simulados, acho que o Gracinha dá uma preparação se você corre atrás dela, sabe. Não é um negócio que eles vão te forçar pela goela, tipo, se prepare. Mas se você correr atrás dessa preparação ela tá lá.

23. E você diria que os alunos correm atrás ou não?

Mano, se eu for colocar numa porcentagem, 30% corre. Tipo... tem uma galera que caga. Mas também tem isso, tem muita gente do meu ano que não sabe o que quer fazer, ou tipo, que não quer ver direito sabe, tem uma galera que fala “ah, não sei o que eu quero fazer, vou pra ADM. Tenho uma amiga que quer fazer ADM na ESPM porque as festas da ESPM são legais, e eu fico tipo “parça, não!”. Eu não tô na faculdade, eu não sou de maior e eu vou nas festas da ESPM, sabe.

24. E as pessoas já vão nas festas de faculdade?

Cara, mais o 3°. No 3° tem um grande número de gente que vai, mas tipo o preço é um bagulho que impede um pouco, porque é caro pra caralho. Essa festa do Branco, passou longe da minha cota, eu não fui... tipo, se tem umas festas que são sei lá, 100, aí eu penso em ir, um pouquinho. Mas eu gosto.

25. As pessoas que cagam, por que elas cagam?

Cara, tem esse negócio que é das pessoas focarem na escola pra passar na escola e não no vestibular, e também o negócio de evitar o problema, sabe. Evitar o fato que você tá saindo da escola e você vai pra outra fase, eu acho que é um escape também você cagar. E tem umas pessoas que são super confusas, são super perdidas, e falam “ah, no momento simplesmente não rola eu correr atrás de uma coisa que tipo, eu não vou encontrar correndo, correndo numa estrada sem fim”

26. Como é a sua rotina, do dia a dia?

ah, sei lá. Não sei. Não é muito lotada a minha rotina. Eu costumava treinar futebol mas eu parei, por causa de uns problemas, mas acho que... eu costumo ir no grêmio de sexta, eu treino vôlei, mas é mais por diversão, não é treinar. Não tem muita pressão sabe, é mais por diversão. Tcho ver, que mais que eu faço? Eu cuido muito do meu cachorro, tipo tem banho, tem médico, eu tento correr atrás disso, mas de resto eu acho que é meio livre.

27. Quais você diria que seriam os maiores problemas da escola? O que você criticaria?

Cara, acho que às vezes os professores têm um pouquinho de medo de serem mais firmes, assim com os alunos do Gracinha. Eu acho que falta um pouquinho disso, sabe. Eles dão elogios pra coisas que não precisam ser elogiadas, ou tipo deixam de criticar várias coisas, acho muito importante ter essa crítica porque a galera do Gracinha acaba se acomodando um pouco, tipo ninguém vai me criticar então vou continuar fazendo, e quando critica fala que é birra do professor. Falta respeito com o professor, claramente. Tipo fala que é birra do professor tá dando bronca. Tá, tem muita autonomia no Gracinha e eles buscam muito dar isso pro aluno, mas eles também precisam mostrar que a gente não é 100% livre no mundo porque tem umas ações que têm consequências, entende.

28. E as coisas que você mais gosta?

Ai, não sei, ao mesmo tempo eu gosto muito dessa autonomia que eles dão pra gente, eu gosto muito do ambiente escolar, eu gosto muito desse poder que a gente tem, tipo com o Grêmio, o coletivo... com o COG, o MISG, poder recorrer como iguais pra orientação, sabe. A gente tem um senso do que é correr atrás do que a gente precisa sabe. Ao mesmo tempo que eu odeio as pessoas eu amo as pessoas (risos), eu gosto muito do programa de esportes do Gracinha, não sei, eu gosto muito do Gracinha.

Colégio do Carmo (Particular - Periferia)

1. O que sua família te incentiva a fazer depois da escola?

Ah... (...) Então, minha mãe ela não fez Ensino Médio, porque ela morava na Bahia, e ela morava tipo na roça mesmo e tal, ela fez até o nono ano. E meu pai fez pós-graduação né. Então, tipo, tudo o que minha mãe não teve chance de fazer na infância dela, que é estudar, terminar a escola, completa né, ela me incentiva né, tipo, ela me incentiva bastante na escola e sempre procurando me incentivar fora da escola; pelo menos, tipo, meu pai ele fala que não abra mão de eu aprender outra língua, eu faço curso de inglês. E também eles dão muito valor ao esporte, sabe, qualquer esporte, qualquer atividade física. Então eu pratico futebol também. Fora da escola eu faço inglês e eu pratico o futebol.

2. E você já sabe o que você vai fazer depois do terceiro ano do colegial?

Eu quero fazer administração.

3. E isso é uma coisa que seus pais te apoiam?

É que (...) ele não me impôs nada, não falou “faz isso”, foi uma coisa que eu fui vendo e fui gostando.

4. E como você chegou nisso, como decidiu que você queria fazer?

Ah, é... Eu nunca gostei muito de ler, nunca foi assim, sabe, um hobbie meu. Tanto que eu li poucos livros na minha vida. Mas teve um dia... No começo do ano, eu peguei pra ler um livro aleatório, assim, que meu pai tinha, aqui na... na “livrariuzinha” que tem aqui em casa, que eu vi na internet, falaram muito bem, eu vi um vídeo no youtube, do livro que chama “Pai Rico, Pai Pobre”. Aí eu comecei a ler e tal, e gostei, gostei bastante assim, tipo, dessa literatura sobre gestão financeira. Aí daí que eu tive certeza que era aquilo que eu queria fazer, porque uma coisa que eu não gosto de fazer, esse assunto fez eu gostar de ler.

5. E... Você tem irmãos?

Eu tenho, eu tenho uma irmã e um irmão.

6. E eles fizeram faculdade, ou eles são mais novos?

Não, meu irmão tem 12 e minha irmã tem 11.

7. Ah, então esquece (risada). Então foi esse ano que você decidiu sobre administração, e você já tem ideia da faculdade que você quer prestar, o que você quer fazer?

Eu quero fazer Mackenzie.

8. Já foi o vestibular?

Não, eu vou fazer o vestibular acho que em dezembro, dia 12.

9. E você fez cursinho?

Não, não fiz. Eu acho que eu consigo passar sem o cursinho.

10. Sua escola é boa?

É... eu não acho que é uma das melhores, mas eu não acho ruim, eu acho... Eu acho bom, acho bom.

11. E o que você acha, assim, o que você acha dos professores, dos coordenadores; a escola te apoiou na questão do vestibular, você acha que está preparado? Teve algum simulado? Os professores falavam sobre isso na classe? Como que era isso?

Ah, então, eu estudo no Siqueira desde o sexto ano, então eu vivi minha vida lá, tipo, são 8 anos, 7 anos. É... e esse terceiro ano, tipo, do segundo pra cá teve uma mudança bem grande no método de ensino lá do Siqueira e tals, e eu acho que agora ele tá apoiando (?) mais, eles introduziram o simulado do ENEM (...?) pelo governo; então a gente fez três simulados, porque é trimestre, a gente fez três simulados esse ano. Minha professora que... ela dá gramática, literatura, redação, inglês (?), ela dá quatro matérias. Acho que ela é uma das melhores professoras que eu já tive na minha vida, assim... Ela é uma puta apoiadora, assim, ela incentiva, ela dá dicas. Eu acho que o Siqueira me apoiou bastante, assim, tipo, no vestibular.

12. E você só vai prestar Mackenzie ou você vai prestar mais algum?

Ah, então, tipo, eu fiz o ENEM agora, mas o meu foco maior é a Mackenzie, sabe, porque eu acho que administração é o carro chefe deles, então eu queria muito fazer lá.

13. E você já foi lá, você já viu a grade, tudo?

É, eu já fui lá, eu fui naquela Mackenzie Day, sabe? Conheci o Campus lá, conheci um pouco mais sobre meu curso, o prédio lá, mas a grade eu não dei uma olhada ainda.

14. Então, você já cogitou fazer algum Curso Técnico ou Profissionalizante?

Não.

15. Você tem algum emprego ideal?

Emprego ideal? Hmm, eu acho que emprego assim, não. Eu tenho sonho de trabalhar pra mim, né. Não ter nenhum chefe. E eu gostaria de trabalhar com ações, e também com mercado imobiliário, mas tipo, mais pra mim, sabe, uma imobiliária e tals.

16. Nossa, mas como você teve essa ideia, é bem específico, né, mercado imobiliário?

É, porque, eu gosto bastante de imóveis, sabe? E eu, não sei, não sei responder, assim, como é que veio essa ideia.

17. E seu pai trabalha com isso?

Não, meu pai não trabalha, tipo... ele tem alguns investimentos, assim, tipo, apartamentos; mas não especificamente ele trabalha só com isso, sabe. Mas não foi por ele, acho que... É que eu tinha essa ideia, eu já tinha essa ideia antigamente. Mas o livro “Pai Rico, Pai Pobre” também despertou um interesse maior pra mim, que, é... o autor ele também trabalha com isso.

18. Você já trabalhou, ou você trabalha hoje em dia?

Não, nunca trabalhei.

19. E que tipo de aluno você acha que você é? Tipo, como você se definiria como aluno?

É... Deixa eu pensar... Eu, assim, eu nunca fui um aluno 100% dedicado, sabe? 100% focado, assim. É... Do sexto ano pro nono ano, eu nunca pegava recuperação e tal, mas também nunca fui aquele aluno nota 10. Porque tipo, eu conversava bastante na sala, mas ao mesmo tempo eu fazia, eu não deixava de fazer as coisas, e tal. Só que, antigamente eu tinha o sonho de ser jogador, tipo, era o que eu queria.

20. Jogador de futebol?

É. Aí por motivos, assim, que eu machuquei e tal, eu meio que deixei de lado esse sonho, mas eu levava muito esse lado do futebol pra escola, porque, eu treinava todos os dias, e tipo, teve um ano que eu treinava na Mooca. E meu, eu saía da escola 12h20, almoçava, aí eu ia pro treino e voltava pra casa era 8h, 9h, era como se fosse um trabalho de verdade. Assim, porque era de segunda a sexta, a minha vida era como se eu tivesse trabalhando, porque tomava bastante tempo e o cansaço era enorme também. Então essa época, no primeiro ano, foi meu pior ano na escola, assim, um ano que, não é que eu larguei, mas foi complicado. Eu até peguei DP, tals, peguei várias recuperações e foi bastante complicado, mas aí a partir do segundo ano, eu meio que, por grandes lesões eu parei com o futebol, que eu tive uma lesão bastante grave. Aí ano passado foi um ano super de boa pra mim, eu já tinha passado na escola no segundo semestre também. E,

acho que eu não sou um aluno 100%, assim, focado, mas acho que eu aprendo as coisas, mas eu não me interessava por todas as matérias. Não sei se eu consegui me definir...

21. Que matérias você gosta?

Que matéria eu gosto... Acho que eu não gosto de nenhuma matéria especificamente, sabe, que acho que eu gosto de um pouquinho de algumas coisas, tipo, Geografia, eu gosto um pouquinho... História... Um pouco de matemática, na parte de geometria, de algoritmos, gosto mais dessa parte de matemática financeira e tais. Mas nenhuma matéria eu gosto especificamente. Acho que é um pouquinho de cada matéria.

22. É bem administração mesmo, tá certo sua escolha (risada). Qual você diria que são os maiores problemas da sua escola? O que você criticaria?

Hmm... Eu acho que... Nossa... Eu acho que um dos maiores problemas que a gente teve nesse Ensino Médio foi a falta do professor de Química. Porque, eu até brinco com os moleque né, é... que a... o cargo do professor de Química é amaldiçoado, porque nenhum professor conseguiu seguir no cargo, sabe, eu acho que eu já tive uns 4/5 professores nesses três anos. (...) Foi bastante complicado essa parte de Química, por causa desse problema. Acho que esse é o maior problema, assim, tipo, porque é mais o conhecimento, sabe, é foda não ter aula de Química direito.

23. Mas você acha que era um problema de desrespeito, assim, com o professor ou não?

Olha... Teve um professor, o primeiro professor que saiu, ele saiu porque ele conseguiu... Acho que ele teve um, ele conseguiu um emprego melhor. Ele era um excelente professor. Aí o segundo... O segundo eu acho que foi um pouco de desrespeito da sala, que acho que ele meio que cansou da gente, não sei, entrava meio em conflito. Aí teve uma professora lá que foi meio que demitida porque ela que era tipo "bitolada" com todo mundo, ela se achava muito, não era nem tipo birra da sala, tipo, teve uma vez que ela falou que o aluno não ia ser nada na vida, ela jogava na cara que ela fez uma faculdade x; assim, eu nunca tive problema com ela, nunca bati boca nem nada com ela, mas ela já teve vários conflitos com algumas pessoas da sala. Tipo, era com pessoas que nunca brigaram com ninguém, sabe, então por isso que é meio que estranho. Se fosse com algumas pessoas dá pra entender né, mas tipo, com algumas pessoas específicas era meio esquisito o que teve na sala. Tipo uma aluna já saiu chorando; a professora ela era boa, mas ela era meio... Assim, ela se achava muito e ela pegava muito pesado, sabe. Tinha muitas críticas à ela. Aí foi mais por causa disso. Esse novo professor de química eu não sei definir ele, ele é meio esquisito. Eu acho ele um bom professor, mas acho que ele é meio... eu não sei (...) Não sei definir esse novo professor de Química (risada). Nem parece que ele é professor, porque tipo, ele... é complicado, tipo, ele meio que largou a gente, eu acho.

24. Por que ele não liga?

É, exatamente. Acho que ele não liga, não se importa, sabe. Eu sei que no terceiro ano é foda, tem trimestre que todo mundo tá de saco cheio, assim, de olhar pra lousa e tals, ainda mais que passou o ENEM, mas tipo, acho que ele não poderia largar desse jeito.

25. Você diria que a sua classe, como um todo, corre atrás, assim, é focada, tá correndo atrás do vestibular, ou é um pouco mais largado?

Não, então, tipo, minha classe eu acho ela muito boa, os professores até falam que é uma das melhores classes, tiveram os melhores alunos do Siqueira lá. Só que é essa questão, tipo, do terceiro ano, eu acho que no terceiro trimestre a gente largou bastante sabe, todo mundo de saco cheio, sabe. Mas eu considero a minha classe muito boa. Alunos muito bons.

26. Nessa reta final deve ser mais difícil mesmo.

É, é complicado, eu já não aguento mais olhar pra livro nenhum. Queria as férias nesse último semestre.

27. Você mora perto da escola?

O Siqueira antes ficava ali no Capão Redondo, era perto da minha casa; eu moro do lado do Shopping Campo Limpo. Mas agora que mudou - o Siqueira mudou esse ano - tá longe da minha casa, tipo, meus irmãos até vão mudar de lá ano que vem. Minha mãe só deixou a gente lá porque era meu último ano, então não tinha lógica me mudar, mas ano que vem meus irmãos vão sair, porque ficou longe.

28. Agora que tá longe você vai de carro? Como você vai?

Eu vou de carro. Antes eu ia de ônibus, é, principalmente de ônibus. Às vezes meu pai me levava.

29. A sua rotina, como é?

Eu faço terça e quinta inglês, e quarta e sexta futebol, aí no final de semana sempre tem jogo sábado e domingo.

30. É bem corrido né?

É. Eu acho que, é um corrido bom né, acho que ano que vem vai ser um corrido mais complicado

Apêndice III - *Default* dos testes de Qui-quadrado

```
> # Teste de Qui-quadrado que relaciona o nível de escolaridade mínimo necessário para o emprego
> # ideal (C12) e o regime da escola (Z1)
> chisq.test(Metodos_Final$C12, Metodos_Final$Z1)

Pearson's Chi-squared test

data: Metodos_Final$C12 and Metodos_Final$Z1
X-squared = 24.544, df = 5, p-value = 0.0001706

> # Teste de Qui-quadrado que relaciona o nível de escolaridade mínimo necessário para o emprego
> # ideal (C12) e o bairro (Centro = 0 e periferia = 1)
> chisq.test(Metodos_Final$C12, Metodos_Final$Z2)

Pearson's Chi-squared test

data: Metodos_Final$C12 and Metodos_Final$Z2
X-squared = 8.7579, df = 5, p-value = 0.1191

> # Teste de Qui-quadrado que relaciona as expectativas a curto prazo (D1) e o regime da escola
> # (Z1)
> chisq.test(Metodos_Final$D1, Metodos_Final$Z1)

Pearson's Chi-squared test

data: Metodos_Final$D1 and Metodos_Final$Z1
X-squared = 36.091, df = 9, p-value = 3.819e-05

> # Teste de Qui-quadrado que relaciona as expectativas a curto prazo (D1) e o bairro da escola
> # (Z2)
> chisq.test(Metodos_Final$D1, Metodos_Final$Z2)

Pearson's Chi-squared test

data: Metodos_Final$D1 and Metodos_Final$Z2
X-squared = 27.328, df = 9, p-value = 0.001234

> # Teste de Qui-quadrado que relaciona expectativas a longo prazo (C12) e o nível de escolaridade do pai
> chisq.test(Metodos_Final$C12, Metodos_Final$A5_1)

Pearson's Chi-squared test

data: Metodos_Final$C12 and Metodos_Final$A5_1
X-squared = 47.729, df = 35, p-value = 0.07409

> # Teste de Qui-quadrado que relaciona expectativas a longo prazo (C12) e o nível de escolaridade da mãe
> chisq.test(Metodos_Final$C12, Metodos_Final$A5_3)

Pearson's Chi-squared test

data: Metodos_Final$C12 and Metodos_Final$A5_3
X-squared = 54.834, df = 35, p-value = 0.01758
```

```

> # Teste de Qui-quadrado que relaciona expectativas a curto prazo (D1) e o nível de escolaridade do pai
> chisq.test(Metodos_Final$D1, Metodos_Final$A5_1)

Pearson's Chi-squared test

data: Metodos_Final$D1 and Metodos_Final$A5_1
X-squared = 97.374, df = 63, p-value = 0.003552

> # Teste de Qui-quadrado que relaciona expectativas a curto prazo (D1) e o nível de escolaridade da mãe
> chisq.test(Metodos_Final$D1, Metodos_Final$A5_3)

Pearson's Chi-squared test

data: Metodos_Final$D1 and Metodos_Final$A5_3
X-squared = 97.957, df = 63, p-value = 0.003158

```

Referências Bibliográficas

TREVISOL, Joviles Vitório; NIEROTKA, Rosileia Lucia. Os jovens das camadas populares na universidade pública: acesso e permanência. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 22-32, June 2016. Available from

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802016000100022&lng=en&nr=iso. access on 20 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1414-49802016.00100003>.

Pro Dia Nascer Feliz. Direção: João Jardim. Produção: Flávio R. Tambellini e João Jardim. Brasil, 2006. Cinema (88 min).

DAYRELL, Juarez. O Jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 5/6, n.24, p. 40-52, 2003

OIT- Organização Internacional do Trabalho. *Global employment trends for youth 2013: a general risk*. Geneva: OIT, 2012

GARCIAS, Marcos de Oliveira. *Pesquisa de transição da escola para o trabalho: uma avaliação para o Brasil*. Tese (Doutorado em Ciências)- Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo. Piracicaba, 2017.

Microdados. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>. Última visualização: 02 de dezembro de 2019.